

ILDA MARIA TAVARES VIEIRA

AS NOMINALIZAÇÕES DEVERBAIS EM -DA NO PORTUGUÊS EUROPEU

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA

ORIENTADA PELA PROFESSORA DOUTORA ANA MARIA BRITO

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

2009

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	4
INTRODUÇÃO	5
1. DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS NOMINALIZAÇÕES DEVERBAIS	7
1.1. Processos de formação de palavras	7
1.2. Definição de nominalização: palavra e processo	9
1.3. Nominalizações deverbais: estrutura argumental e papéis temáticos	
1.3.1. Estrutura argumental e papéis temáticos	10
1.3.2. Nominalizações deverbais em Português: algumas reflexões iniciais	12
1.4. Leitura aspectual e estrutura argumental das nominalizações na perspectiva de Grimshaw (1990)	16
1.4.1. Leituras de evento e de resultado: testes que as distinguem	19
1.5. Desenvolvimentos da proposta de Grimshaw (1990)	23
1.5.1. Nominalizações sintáticas e lexicais: perspectiva de Picallo (1991).....	23
1.5.2. Aspecto e estrutura argumental das nominalizações em Português na perspectiva de Brito e Oliveira (1997)	27
1.5.3. A sintaxe das nominalizações deverbais na perspectiva de Alexiadou (2001)	34
1.5.4. As nominalizações deverbais na perspectiva de Sleeman e Brito (2007)....	37
2. ASPECTOS GERAIS DAS NOMINALIZAÇÕES DERIVADAS DE VERBOS DE MOVIMENTO, INACUSATIVOS E INERGATIVOS.....	41
2.1. Principais características dos verbos inacusativos e inergativos	41
2.1.1. Os verbos inacusativos de movimento	44
2.2. Nominalizações deverbais derivadas de verbos inacusativos de movimento: perspectiva de Brito (2005)	47
2.3. Nominalizações deverbais derivadas de verbos de movimento: perspectiva de García-Serrano (2002)	50

3. AS NOMINALIZAÇÕES DEVERBAIS EM –DA NO PORTUGUÊS	
EUROPEU	54
3.1. Perspectiva de Ivonne Bordelois	54
3.2. Nominalizações em –da derivadas de diferentes tipos de verbos	59
3.3. Caracterização das nominalizações em –da: estrutura argumental e leitura aspectual	61
3.3.1. Nominalizações deverbais derivadas de verbos transitivos	61
3.3.2. Nominalizações derivadas de verbos inergativos	74
3.3.3. Nominalizações derivadas de verbos meteorológicos (verbos impessoais)	78
3.3.4. Nominalizações derivadas de verbos copulativos	80
3.3.5. Nominalizações derivadas de verbos inacusativos de movimento	81
3.4. As nominalizações deverbais em –da: síntese final.....	89
CONCLUSÕES	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação não teria sido possível sem a ajuda de várias pessoas, a quem quero exprimir a minha gratidão. A primeira pessoa a quem desejo agradecer é a Professora Doutora Ana Maria Barros Brito, Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a quem devo mais do que a orientação desta tese. A sua constante dedicação e encorajamento ensinaram-me que a organização, o rigor e o trabalho contínuo são fundamentais no trabalho científico. Os meus agradecimentos dirigem-se também aos meus professores de mestrado por me terem ajudado a adquirir novos saberes e sobretudo a nunca deixar de questionar e procurar aquilo que desconheço.

Quero também manifestar a minha gratidão à minha família, especialmente ao meu pai e amigos, por toda a sua dedicação, paciência e encorajamento.

Queria ainda manifestar a minha gratidão aos meus colegas de mestrado pelos vários momentos que passámos juntos e pelas muitas vezes que me fizeram rir. E ainda à Dra. Deolinda Ferreira Gomes do CLUP, a minha gratidão pela sua preciosa colaboração na localização da bibliografia consultada durante o mestrado.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objecto de estudo as nominalizações deverbais em *-da* do Português Europeu, em particular as derivadas de Verbos de movimento. Este trabalho enquadra-se na interface entre morfologia, sintaxe e semântica.

Começamos por fazer uma abordagem morfológica, destacando os vários processos de formação de palavras e enumerando os diversos sufixos nominalizadores, passando depois à abordagem sintáctica e semântica, procurando apresentar a estrutura argumental e a respectiva leitura aspectual destas nominalizações.

A hipótese a explorar neste trabalho é a de saber se as nominalizações em *-da* se ligam ou não a determinadas bases verbais. O nosso ponto de partida foi a leitura de um trabalho de I. Bordelois para o Espanhol, em que a autora defende que este tipo de nominalizações tem por base os verbos inacusativos. Por essa razão, este estudo constitui uma busca e um estudo das nominalizações em *-da* em Português Europeu, procurando-se identificar as bases verbais de que derivam e procurando testar a tese desenvolvida por Bordelois.

Esta dissertação começa pela apresentação de alguma literatura existente sobre nominalizações deverbais. Aproveitamos o contributo de estudos já realizados por diversos autores, procurando destacar as principais ideias defendidas pelos mesmos, bem como a sua adequação ao Português Europeu.

Depois de percorrer as propostas apresentadas pelos diversos autores e de descrever as principais propriedades dos verbos de movimento em Português, voltamos à hipótese de partida desta tese, no sentido de apresentar diversos exemplos de nominalizações em *-da* do Português Europeu, destacando as bases verbais de que derivam, analisando a sua estrutura argumental e a respectiva leitura aspectual e propondo, ainda, a sua representação sintáctica.

O presente trabalho está dividido em três partes. A primeira parte contém a definição e

características gerais das nominalizações. Começamos por apresentar os vários processos de formação de palavras e passamos em revista alguns estudos sobre nominalizações realizados por vários autores: Grimshaw (1990), Brito (1996), Picallo (1991), Brito e Oliveira (1997), Alexiadou (2001) e Sleeman e Brito (2007). A segunda parte é dedicada aos aspectos gerais das nominalizações derivadas de verbos de movimento, inacusativos e inergativos. Começamos por apresentar as características destes dois tipos de verbos, estabelecendo sempre uma comparação entre eles. Apresentamos ainda dois estudos importantes realizados por Brito (2005) e García-Serrano (2002) sobre nominalizações derivadas de verbos de movimento, inacusativos e inergativos. A terceira parte é o estudo das nominalizações deverbais em *-da* do Português europeu. Partimos do trabalho realizado por Bordelois (1993) para o Espanhol; passamos depois à enumeração e análise das várias nominalizações em *-da*, identificando as bases verbais de que derivam. No decorrer da análise, estudamos a sua estrutura argumental e respectiva leitura aspectual, o que nos permitirá concluir que a hipótese de Bordelois não é adequada, pois no Português Europeu há inúmeras bases verbais que dão origem a nominalizações em *-da*; além disso, defenderemos que este morfema, embora próximo do morfema de participio passado, tem outros valores, nomeadamente o valor de delimitação. Finalmente estudaremos, como ilustração, a estrutura sintáctica da nominalização *chegada*, de acordo com a Morfologia Distribuída.

CAPÍTULO 1 - DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS NOMINALIZAÇÕES DEVERBAIS

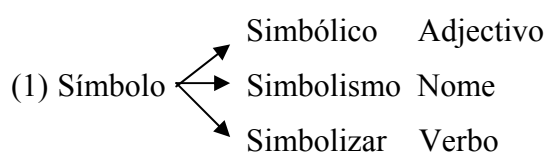
1.1. Processos de formação de palavras

Em Português existem vários processos de formação de palavras. A *formação de palavras* refere o conjunto de processos morfo-sintácticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais. Um desses processos é a derivação, que pode ser regressiva ou feita através de afixos colocados no início ou no fim da palavra, a derivação prefixal ou sufixal. Em geral, a palavra derivada conserva uma relação de sentido com o radical derivante (Cunha e Cintra 1984).

A derivação dita regressiva consiste na *redução* da palavra derivante e permite criar nomes deverbais ou pós-verbais, formados pela junção das vogais *-o*, *-a*, ou *-e* ao radical do verbo (Cunha e Cintra 1984: 104), como nos seguintes exemplos: *amostrar / amostra*; *comprar / compra*; *pescar / pesca*.

No Português, a derivação feita através de afixos é quase exclusivamente um processo de sufixação, pois há poucos prefixos derivacionais e a sua produtividade é baixa (Villalva 2003:943). Através da derivação sufixal podem formar-se nomes, adjectivos, verbos e até advérbios. A gramática tradicional classifica os sufixos em nominais (*ponteiro*, *ponteinha*, *ponteudo*), verbais (*bord-ejar*, *suav-izar*, *amanh-ecer*) e adverbiais (*bondosa-mente*) (Cunha e Cintra, 1984:90).

Para Villalva (2003:944), a categoria sintáctica dos derivados é calculada a partir da categoria sintáctica dos afixos derivacionais, o que explica o facto de os derivados de uma mesma forma de base poderem pertencer a diferentes categorias sintácticas. A autora apresenta como exemplo a palavra *símbolo*:



A conjugação das duas propriedades dos afixos derivacionais (a categoria sintáctica da base e a categoria sintáctica do derivado) permite classificá-los em afixos de adjectivalização, adverbialização, nominalização e verbalização, consoante formem adjectivos, advérbios, nomes e verbos. Estas quatro classes subdividem-se, por sua vez, em deadjectivais, denominais e deverbais, conforme seleccionem bases adjectivais, nominais ou verbais. Villalva dá exemplos de sufixos pertencentes a estas diferentes categorias:

(2)

	Adjectivalização	Nominalização	Verbalização
Deadjectival	fraternal	decadentismo	eternizar
Denominal	cultural	folhagem	ramificar
Deverbal	realizável	determinismo	dormitar

1.2. Definição de nominalização: palavra e processo

A nominalização é um processo morfológico que converte uma raiz não nominal num nome. Para Picallo (1999:365), o termo *nominalização* designa simultaneamente a palavra derivada e o processo dessa derivação.

Rio Torto (1997:817) mostra que há dois tipos de produtos nominais derivados de uma raiz não nominal (a que ela chama nominais heterocategoriais) que são fruto de um processo de nominalização: os nomes *essivos*, ou de propriedades deadjectivais, também conhecidos por “nomina qualitatis” (*lealdade, lentidão, quietude, certeza, delicadeza*) e os nomes *deverbais*, também conhecidos por “nomina actionis” (*acolhimento, entendimento, elaboração, paragem, medição*). Estes dois tipos de nomes possuem propriedades em comum: a natureza predicativa das bases e o facto de alguns se prestarem a uma leitura bivalente, deadjectívica e deverbal.

Em grande parte dos casos, a análise da morfologia da palavra permite esclarecer a natureza dos seus constituintes mas nem sempre isso acontece. A partir dos sufixos dos nomes é possível identificar, em certos casos, a categoria da base de que procedem. Por exemplo os produtos em *-ção* ou em *-mento* são deverbais, como em (3a), e os em *-dade*, *-ez(a)*, *-idão* são deadjectivais, como em (3b):

- (3) a) *Programar / programação; substituir / substituição; reconhecer / reconhecimento; atrever / atrevimento.*
b) *Generoso / generosidade; frágil / fragilidade; podre / podridão.*

Existem ainda outros sufixos que podem dar origem a produtos deverbais e deadjectivais.

Ainda de acordo com Rio Torto (1997:823), nestes dois tipos de nominais registam-se algumas modificações semânticas entre a base e o produto final. Nos essivos a base é marcada pelos traços [+N], [+V] e o produto contém os traços [+N], [-V], verifica-se portanto uma perda de adjectivalidade. Nos deverbais, a base define-se pelos traços [-N], [+V] e o produto apresenta os traços [+N], [-V], há uma perda de predicatividade e um ganho de referencialidade.

O produto nominal apresenta assim duas forças de sinal contrário: a predicativa, que é herdada da base (adjectiva ou verbal) e que faz com que ele se comporte como um predicador que convoca um determinado número de lugares argumentais; e a nominal, que lhe impõe possibilidades combinatórias específicas. A significação do nominal resulta da tensão entre a predicação da base e o molde nominal/referencial de que ele próprio se reveste. Contudo, a sua interpretação depende da significação dos seus constituintes e também do contexto em que ele ocorre (Rio Torto 1997:823).

1.3. Nominalizações deverbais: estrutura argumental e papéis temáticos

Como já foi mencionado anteriormente, as nominalizações deverbais são nomes derivados de verbos ou de bases verbais. Elas caracterizam-se pelo facto de serem, em

geral, predicadores que têm argumentos e cuja interpretação pode ser descrita através de relações temáticas, apresentando uma estrutura argumental muito próxima da dos verbos de que derivam. Em alguns casos, o seu significado e a natureza dos seus complementos podem ser explicados a partir das propriedades da base verbal, noutros não, como veremos adiante.

Antes de entrar no estudo das nominalizações deverbais, importa reflectir sobre estrutura argumental e papéis temáticos para melhor compreender o estatuto argumental e predicativo destes nomes.

1.3.1. Estrutura argumental e papéis temáticos

Os verbos são predicadores por excelência, embora existam outras palavras que têm estrutura argumental ou grelha temática. É o caso dos nomes, preposições e certos advérbios, que podem ser palavras predicativas às quais é possível associar argumentos próprios. Na estrutura argumental de uma palavra é necessário distinguir os argumentos e os adjuntos – também chamados modificadores ou circunstantes. Os adjuntos não dependem de nenhum item lexical presente na frase, embora constituam expressões de tempo, modo e mesmo localização espacial (Duarte e Brito 2003:183).

Na estrutura argumental de uma palavra entram três aspectos importantes: o número de argumentos que a palavra exige, a natureza categorial dos argumentos seleccionados e o papel temático que cada argumento tem. Em Português, existem verbos de zero argumentos - os meteorológicos; verbos com um argumento (predicados unários) - é o caso de alguns verbos intransitivos e alguns inacusativos; verbos com dois argumentos (predicados binários) - os transitivos; e verbos com três argumentos (predicados ternários), - os ditransitivos (Duarte e Brito 2003:185).

Os argumentos de um predicador podem ter diversas interpretações, que podem ser descritas por papéis temáticos: podendo ser de Agente, que designa uma entidade humana que controla uma dada situação; Fonte, entidade que está na origem da

situação; Experienciador, entidade que é a sede psicológica ou física de uma propriedade ou relação; Locativo, localização espacial da entidade; Alvo, entidade para a qual algo foi transferido; e Tema, entidade que muda de lugar, posse ou estado; este pode ainda ser atribuído a uma entidade não controladora nem experienciadora (Duarte e Brito 2003:188-190).

Existem relações entre a estrutura argumental e a natureza aspectual de um predicador, assunto a que voltaremos em diversas partes desta dissertação. A natureza aspectual de um verbo está sempre dependente do tipo de situação que este e os seus argumentos podem exprimir. Existem verbos estativos que descrevem estados (situações não dinâmicas, em que as entidades envolvidas não sofrem alteração) que podem ser faseáveis (*grávida*) ou não faseáveis (*inteligente*):

- (4) a) A Maria está grávida.
- b) *A Maria é grávida.
- (5) a) O João é inteligente.
- b) *O João está inteligente.

E verbos não estativos, que permitem descrever situações dinâmicas. Essas situações dinâmicas caracterizam-se pelo facto de tenderem ou não para um fim (téticas ou atélicas), poderem ter ou não uma duração e um estado resultante. As situações dinâmicas atélicas são processos, ou seja, estados de coisas com duração não delimitada; por isso admitem expressões adverbiais durativas (*durante*):

- (6) A Maria cantou durante dois dias.
- (7) A chuva caiu durante duas horas.

As situações dinâmicas téticas podem ser processos culminados, culminações ou pontos, tendo os processos culminados e as culminações um estado consequente (Duarte e Brito 2003:191-192):

- (8) Os ladrões roubaram o banco durante a noite. (processo culminado)
- (9) A vítima do acidente morreu às 8:00 h. (culminação)

Iremos utilizar estas noções aquando da discussão dos valores semânticos das nominalizações deverbais em análise nesta dissertação.

1.3.2. Nominalizações deverbais em Português: algumas reflexões iniciais

Brito (2003:332) apresenta vários exemplos de nominalizações deverbais em (10), onde é visível que há diferentes sufixos nominalizadores (-*ência*, -*da*, -*ança*, -*ância*, -*ção*):

(10) *Cedência* de *ceder*, *ocorrência* de *ocorrer*, *corrida* de *correr*, *vingança* de *vingar*, *abundância* de *abundar*, *concordância* de *concordar*, *tolerância* de *tolerar*, *preocupação* de *preocupar*, *destruição* de *destruir*.

Mas esta apresentação não pode fazer esquecer outros sufixos. No seu estudo, Rodrigues (2006:23) considera que os deverbais podem ser produtos construídos com operadores sufixais prototipicamente de “evento” e de “indivíduo” (voltaremos a esta distinção mais adiante). Assim, entre os de evento contam-se os seguintes exemplos: -*ção*, -*mento*, -*agem*, -*aria*, -*dura*, -*nça*, -*nço*, -*ncia* e -*ão*. E entre os de indivíduo os seguintes: -*ão*, -*dor*, -*dora*, -*deira*, -*deiro*, -*vel*, -*nte*, -*douro*, -*doura*, -*tório*, -*ório*, -*tória*, -*ória* e -*al*. Além destes, existem ainda outros que não foram estudados pela autora, como é o caso de -*ice*, -*ido*, -*alho*, -*alha*, -*eta*, entre outros.

Em Português, há nominalizações derivadas de vários tipos de verbos, como poderemos ver mais à frente. No caso das nominalizações em -*da*, que serão estudadas no terceiro capítulo desta dissertação, elas podem derivar de verbos transitivos (*comida* de *comer*); inergativos (*corrida* de *correr*); meteorológicos (*geada* de *gear*); inacusativos (*vinda* de *vir*) e ainda do verbo copulativo *estar* (*estada*).

Convém lembrar que os nomes e os verbos têm propriedades que os aproximam, pois ambos podem tomar complementos. Veja-se os exemplos apresentados por Brito (1996:73-74) em (11) e (12):

- (11) a) A Indonésia ocupou Timor Leste.
b) A ocupação de Timor Leste pela Indonésia deu-se em 1975.
- (12) a) O avião chegou ao aeroporto com duas horas de atraso.
b) A chegada do avião ao aeroporto com duas horas de atraso.

Mas também têm os seguintes aspectos divergentes: a presença de complementos pode ser opcional nos nomes (13b), mas é obrigatória nos verbos (13a); os complementos nominais são obrigatoriamente precedidos de preposição (13c); e as nominalizações deverbais, ao contrário das bases verbais de que derivam, podem ter mais do que uma interpretação (Grimshaw 90), assunto a que voltaremos:

- (13) a) *A Indonésia ocupou.
b) A ocupação deu-se em 1975.
c) A ocupação de Timor Leste deu-se em 1975.

Em alguns casos, é possível explicar o significado das nominalizações a partir das propriedades da base verbal. Segundo Brito (2003:331) o significado e o número de complementos destes nomes decorrem em geral das propriedades dos verbos correspondentes, podendo até muitos deles manter a leitura aspectual correspondente à desses mesmos verbos:

- (14) *Corrida* (actividade ou processo), *destruição* (“accomplishment”), *morte* (“achievement”), *temor* (estado psicológico).

Segundo a autora, os exemplos (15) a (16) ilustram que os deverbais podem manter a interpretação eventiva correspondente à dos verbos com os quais estão relacionados e que têm argumentos aos quais atribuem papéis temáticos¹:

¹ Nesta dissertação não discutiremos a natureza do SPrep introduzido por *por* nas chamadas nominalizações “passivas”. Para alguns autores é um adjunto, visto que é sempre opcional; para outros, por exemplo Grimshaw (1990), tem estatuto híbrido “a-adjunct”.

- (15) A edificação da ponte pela empresa. / A empresa edificou a ponte.
- (16) A invasão de Timor Leste pela Indonésia. / A Indonésia invadiu Timor Leste.
- (17) A oferta do livro à Maria pelo pai. / O pai ofereceu o livro à Maria.

Nos enunciados (15) e (16) os nomes deverbais (*edificação* e *invasão*), à semelhança dos verbos de que derivam, seleccionam dois argumentos com os papéis temáticos de Agente (*empresa/Indonésia*) e de Tema (*ponte/Timor Leste*). No enunciado (17) também o nome (*oferta*), à semelhança do verbo de que deriva, selecciona três argumentos com os papéis temáticos de Agente (*pai*), Tema (*livro*) e Meta/Beneficiário (*Maria*).

Em outros casos é difícil explicar o significado das nominalizações e a natureza dos seus complementos a partir da base verbal.

Tem sido notado em certos estudos (Milner 1982, Grimshaw 1990 e Valois 1991) que alguns nomes deverbais podem ser ambíguos entre uma interpretação de evento que o verbo tem e uma interpretação de indivíduo ou entidade resultante. Brito (2003:333) apresenta o exemplo dos nomes derivados de verbos de “accomplishment” *edificar* e *construir*, cujos derivados *edificação* e *construção* podem ter duas interpretações: eventiva ou de entidade resultante do evento, por força das propriedades lexicais dos constituintes a que aparecem ligados:

- (18) A edificação (da ponte) (pela empresa) deu-se/ ocorreu/ teve lugar no ano de 1999.
- (19) A edificação (= o edifício, a construção) destoou na paisagem.

De acordo com Grimshaw 90, que adiante apresentaremos, os nomes deverbais que apresentam a interpretação de evento têm estrutura argumental. Os nomes com interpretação de objecto ou entidade que são o resultado do evento não apresentam argumentos mas podem vir acompanhados de SPs em posição de complemento ou de determinantes possessivos, geralmente associados à ideia de possuidor. No exemplo

(20) o SPrep *do grupo Sonae*, com interpretação de possuidor, pode ser omitido (Brito 2003:333):

(20) A edificação (do grupo Sonae) destoou na paisagem.

Os argumentos dos nomes deverbais derivados de verbos transitivos podem realizar-se através de SPreps; adjectivos de relação, “temáticos” ou “referenciais”, que denotam nacionalidade ou grupo; e determinantes possessivos (Brito 2003:334, 335). No entanto, essa realização obedece a determinadas condições:

1) os argumentos só podem ser expressos por SPreps introduzidos pelas preposições *por*, *de* ou outras (*sobre*, *para*); e não apenas por SNs porque os nomes não são categorias atribuidoras de Caso e necessitam dessa marca, que só pode ser dada pela preposição que marca o genitivo (*de*) ou por outras preposições:

(21) * A edificação a ponte.

2) em nomes derivados de verbos com uma grelha temática do tipo Agente + Tema, que conservam a leitura eventiva (*edificar*, *elaborar*, *construir*, *destruir*, *invadir*), o argumento Agente só pode realizar-se sob forma preposicional, precedido de *por* e nunca sob a forma de genitivo em *de*:

(22) * A edificação da ponte da empresa.

(23) * A invasão do Iraque dos americanos.

3) a posição dos adjectivos de relação, “temáticos” ou “referenciais”, que denotam nacionalidade ou grupo é obrigatoriamente pós-nominal, antecedendo o complemento genitivo com a interpretação de Objecto ou Tema:

(24) (a) A invasão indonésia de Timor Leste.

(a') * A indonésia invasão de Timor Leste.

(a'') * A invasão de Timor Leste indonésia.

4) só um dos argumentos do nome pode ser expresso por determinantes possessivos. Quando o argumento Tema é expresso por possessivo, o argumento Agente só pode ser introduzido pelo *por* e não pode ser expresso por genitivo em *de* nem pelo adjectivo temático correspondente. Mas, se o agente for expresso por possessivo, o Tema já pode ser expresso por *de*:

- (25) (a) A sua destruição pela Indonésia.
(a') * A sua sua destruição.
(a'') * A sua destruição da Indonésia.
(a''') * A sua destruição indonésia.
(b) A sua destruição de Timor Leste.

Brito refere ainda que, em Português, há verbos eventivos (transitivos e inergativos) que podem originar nomes deverbais com sufixo *-dor*. Nestes nomes o sufixo exprime a relação temática de Agente (*destruidor, exterminador, saltador, dançador, nadador, corredor*) ou de Experienciador (*pensador, fingidor*). Por essa razão, tais nomes só podem ser seguidos do complemento que exprime o tema (transitivos) mas não do Agente (Brito 2003:336):

- (26) O destruidor da cidade.
(27) * O destruidor da cidade pelo exército.

Estes verbos também podem dar origem a nomes que exprimam um local (*corredor*) ou instrumento (*ralador, passador, regador*).

1.4. Leitura aspectual e estrutura argumental das nominalizações na perspectiva de Grimshaw (1990)

Já acima fizemos uma referência ao pensamento de Grimshaw (1990), pois o trabalho desta autora influenciou de forma determinante a investigação sobre nominalizações.

Neste ponto, será apresentada a perspectiva de Grimshaw relativamente às nominalizações deverbais, a sua distinção entre leituras de evento e de resultado e os vários testes utilizados que permitem, segundo a autora, distinguir estas duas leituras.

Na perspectiva de Grimshaw, existem dois tipos de nominalizações deverbais: as nominalizações com interpretação de evento e as nominalizações com interpretação de resultado. Na interpretação de evento a autora distingue os nomes de evento simples e os nomes de evento complexos. Os nomes de evento simples (*viagem, filme*) assemelham-se aos nomes de resultado e aos nomes não derivados porque não têm estrutura argumental obrigatória, apenas podem vir acompanhados de complementos ou modificadores.

De acordo com esta perspectiva, nos seguintes enunciados estamos perante um nome de evento simples (*viagem*) que não apresenta estrutura argumental obrigatória.² Apenas poderia combinar-se com complementos opcionais ou modificadores (*presidencial, do Papa*):

- (28) A viagem demorou dois dias.
- (29) A viagem presidencial demorou dois dias.
- (30) A viagem do Papa demorou dois dias.

Pelo contrário, os nomes de evento complexos possuem estrutura de evento e, segundo a autora, têm uma estrutura argumental própria, que é obrigatória. Isto significa que os nomes de evento simples e os nomes de evento complexos se distinguem pela estrutura de evento; é esta que legitima a presença de uma estrutura argumental própria.

Os seguintes enunciados apresentam o nome de evento complexo *construção*, que como tal, tem uma estrutura argumental obrigatória:

- (31) A construção da barragem em dois anos.
- (32) *A construção em dois anos.

² Repare-se, no entanto contra Grimshaw, que em *viagem ao Brasil, ao Brasil* é um argumento interno preposicional.

Em cada língua, existem muitos nomes deverbais distintos para cada uma das duas interpretações: em português, como sabemos, as nominalizações *ocupação* e *destruição* são nomes eventivos porque referem um acontecimento ocorrido. Pelo contrário, a nominalização *relatório* é um nome de resultado, porque designa um objecto que é o resultado de um processo de relatar. Mas há muitos nomes que podem ser ambíguos entre uma interpretação de processo/evento e uma interpretação de resultado; é o caso dos nomes *exame*, *tradução*, *construção*:

- (33) O exame do João estava em cima da mesa.
- (34) O exame do João aos pacientes demorou muito tempo.
- (35) *O João examinou.

De acordo com a perspectiva de Grimshaw, no enunciado (33) o nome deverbal *exame* não apresenta um argumento interno; do *João* é considerado um modificador nominal com as interpretações de possuidor (o exame possuído pelo João), Tema (o exame (médico) ao João) ou Agente (o exame feito pelo João); por isso, *exame* é interpretado como um nome de resultado. Ele denota uma entidade concreta, designa um objecto que é o resultado de um processo.

No enunciado (34) o nome *exame* apresenta um argumento interno obrigatório *aos pacientes* e um argumento Agente *do João*. Estamos perante um nome de evento complexo, que refere um acontecimento ocorrido. Comparando (34) e (35) podemos verificar que o nome *exame*, na sua interpretação de evento, apresenta uma estrutura argumental idêntica à do verbo que lhe corresponde, *examinar*, em que o argumento interno é obrigatório (daí a agramaticalidade de (35)).

Grimshaw propõe, para o inglês, uma série de testes que permitem distinguir as leituras de evento e de resultado. Assim, de seguida, apresentam-se alguns desses testes: testes relacionados com as diferenças aspectuais, o sistema de determinantes, as orações infinitivas, a pluralidade dos nomes, a modificação pelos adjectivos do tipo “frequente” e “constante”, a ocorrência de “by phrases” e a construção predicativa. Os exemplos apresentados serão os referidos pela autora. Voltaremos a estes testes mais adiante.

1.4.1. Leituras de evento e de resultado: testes que as distinguem

Segundo Grimshaw, os modificadores aspectuais que envolvem medida de tempo como *em x tempo* e os modificadores temporais durativos como *durante x tempo* podem ser usados com nomes eventivos, servindo assim para evidenciar o contraste existente entre nomes de evento e de resultado. Tem sido notado que os modificadores aspectuais *em x tempo* se combinam com predicados télicos e que o modificador aspectual *durante x tempo* se combina com predicados atélicos.

Deste modo, os nomes com leitura eventiva admitem o mesmo tipo de modificadores que o predicado verbal que lhes corresponde, como se pode ver nos seguintes exemplos apresentados por Grimshaw (1990:58):

- (36) a) The total destruction of the city in only two days appalled everyone. (evento)
b) *The total destruction of the city for two days appalled everyone. (resultado)
c) The bombing destroyed the city in only two days / *for two days.

O mesmo não acontece com os nomes de evento simples e com os nomes de resultado:

- (37) a) *Jack's trip in five hours/for five hours was interesting.
b) *The process in five hours/for five hours.

Grimshaw e também outros autores observam que só os nomes eventivos podem controlar orações infinitivas finais, o que já não acontece com os nomes de resultado (Grimshaw 1990: 57,58):

- (38) a) The translation of the book (in order) to make it available to a wider readership. (evento)
b) *The solution (to the problem) in order to simplify the assignment. (resultado)

No enunciado (38a) o nome eventivo *translation* é interpretado como o processo de traduzir. E no enunciado (38b) o mesmo nome tem uma interpretação de resultado, ele designa o resultado de um processo.

Grimshaw refere ainda a existência de várias restrições sobre a natureza dos determinantes que podem ocorrer com os nomes eventivos. Segundo a autora, nem o artigo indefinido nem o demonstrativo “that”, nem o numeral “one” podem ocorrer com nomes eventivos. Mas o artigo definido pode determinar quer nomes de evento quer nomes de resultado (Grimshaw 1990:54):

- (39)
- a) They studied the/an/one/that assignment.
 - b) They observed the /*an/ *one / *that assignment of the problem.
 - c) The assignment of that problem too early in the course always causes problems.

No enunciado (39a) o nome *assignment* apresenta uma leitura de resultado e pode ocorrer com o artigo indefinido, com o demonstrativo “that” e com o numeral “one”. No enunciado (39b), o mesmo nome tem uma leitura de evento, por isso não pode ocorrer com os referidos determinantes. No enunciado (39c) podemos ver que o artigo definido pode ocorrer em ambas as classes de nomes.

Grimshaw considera ainda que os nomes com leitura de evento não pluralizam, o que não acontece com os nomes com leitura de resultado (Grimshaw 1990:54):

- (40)
- a) The assignments were long.
 - b) *The assignments of the problems took a long time.
 - c) Assignment of difficult problems always causes problems.

No enunciado (40a) temos o nome *assignment* que apresenta uma leitura de resultado, e que, por isso, pode pluralizar. Nos enunciados (40b e c) o mesmo nome apresenta uma leitura de evento, logo, não pode pluralizar. Daí a agramaticalidade de (40b).

Esta restrição relaciona-se, segundo Grimshaw, com a impossibilidade de os nomes de evento serem quantificáveis, uma vez que não denotam entidades.

Para a linguista, um nome de evento só pode ser pluralizável quando acompanhado do modificador aspectual *constant* e *frequent* (Grimshaw 1990:51):

(41) The constant assignments were avoided by students.

Relativamente ao português, Brito (1996:76) observa que estes dois últimos testes não são completamente fiáveis. E refere que um enunciado do tipo de (42), onde o nome eventivo *exame* ocorre com um artigo indefinido, pode ser gramatical quando surge num contexto do tipo *houve atrasos nas consultas; um exame do médico a um doente demorou muito tempo*:

(42) Um exame do médico a um doente demorou muito tempo.

Brito refere ainda que o mesmo tipo de interpretação se verifica no plural. A autora dá os seguintes exemplos:

(43) Realizaram-se exames (do médico) (ao doente).

(44) Uma das distribuições do problema foi particularmente difícil.

- (45) a) Os professores assistiram apenas a esse exame dos alunos.
b) Os professores assistiram apenas a essa demonstração do problema.
c) Os professores tiveram de assistir a frequentes demonstrações do problema.

Na sua proposta, Grimshaw defende também que só os nomes de evento legitimam o uso de determinados modificadores aspectuais. É o caso dos adjectivos *constant* e *frequent*. Daí a agramaticalidade de (46b) e (47b):

- (46) a) The expression is desirable.
b) * The frequent expression is desirable.
c) The frequent expression of one's feelings is desirable.

- (47) a) The assignment is to be avoided.
b) * The constant assignment is to be avoided.
c) The constant assignment of unsolvable problems is to be avoided.

Nos enunciados (46a) e (47a) estamos perante um nome de resultado que não tem estrutura de evento e, por isso, não selecciona argumentos internos obrigatórios e não pode ser associado aos adjectivos *constant* e *frequent* (46b e 47b). Os enunciados (46c e 47c) apresentam nomes de evento que seleccionam um argumento interno obrigatório e podem ser associados aos referidos adjectivos.

A autora apresenta como hipótese a necessidade de os modificadores de nomes contáveis no singular serem licenciados por uma estrutura de evento.

Todavia, reconhece que estes dois adjectivos têm “outros usos”, já referidos quando abordámos o teste da pluralidade, podendo surgir a modificar o mesmo tipo de nomes, mesmo sem o argumento interno expreso (nomes de resultado):

(48) The constant assignments were avoided by students.

Para Grimshaw, também a inserção de um sintagma introduzido por *by* força a leitura de evento. Os seguintes enunciados são agramaticais porque os nomes deverbais apresentados têm uma leitura de resultado (Grimshaw 1990:52):

- (49)
- a) The expression * (of aggressive feelings) by patients.
 - b) The assignment * (of unsolvable problems) by the instructor.
 - c) The examination * (of the papers) by the instructor.
 - d) The development * (of inexpensive housing) by the city.
 - e) The destruction * (of the city) by the enemy.

Um último teste que, segundo Grimshaw, permite distinguir estas duas leituras é o uso do predicativo. Só os nomes de resultado podem ocorrer em posição predicativa (Grimshaw 1990:55):

- (50)
- a) That was the/an assignment.
 - b) *That was the/an assignment of the problem.

A agramaticalidade de (50b) acontece porque estamos perante um nome de evento.

Apesar de ter constituído um marco importante no campo das nominalizações deverbais, a teoria de Grimshaw não está isenta de críticas, centradas, essencialmente, em dois pontos: as leituras aspectuais das nominalizações e a sua relação com a estrutura argumental; o nível da gramática em que é feita a nominalização, no léxico ou na sintaxe.

1.5. Desenvolvimentos da proposta de Grimshaw (1990)

1.5.1. Nominalizações sintácticas e lexicais: perspectiva de Picallo (1991)

Na sua proposta, Picallo (1991) pretende dar conta da relação entre a entrada lexical do verbo e o nome correspondente, bem como da ambiguidade dos nomes deverbais. A autora defende que os nomes derivados estão representados no léxico sem etiqueta categorial. A diferença existente entre nomes de evento e de resultado, em relação à projecção dos seus argumentos, explica-se pelo facto de o sufixo de nominalização poder ser analisado como um elemento flexional ou como um elemento derivacional. No caso de ser um elemento flexional, estamos perante uma nominalização sintáctica, que acontece na passagem da Estrutura-P para a Estrutura-S, e cujo nome tem uma interpretação eventiva. No caso da derivação, temos uma nominalização lexical, sendo o afixo atribuído na Estrutura-P, e o nome derivado tem uma interpretação de resultado.

Segundo Picallo (1991), nas nominalizações sintácticas o afixo nominalizador, núcleo de uma categoria funcional, toma como complemento uma projecção lexical categorialmente neutra, cujo núcleo é a raiz comum ao verbo correspondente. O movimento dessa raiz gera um SN, na Estrutura-S, que dá a natureza nominal a essa raiz. Há ainda um movimento do nominal para Gen e depois para Num, onde recebe traços de concordância em género e número.

De acordo com esta autora, a nominalização sintáctica recebe um tratamento semelhante ao das construções passivas. O morfema da nominalização, tal como o morfema de participio nas passivas, despromove o papel temático externo e bloqueia a atribuição de

Caso estrutural pelo nome, bloqueando a atribuição de Caso estrutural ao argumento interno (Burzio 1986).

Na nominalização de natureza eventiva, o Agente só pode aparecer como Adjunto, realizado sob a forma de um SPrep através da preposição *por*. E o argumento interno tem de se mover para especificador de uma categoria funcional (SGénero) para receber Caso.

Acontece que o Agente pode não ser realizado, como se verifica nos seguintes enunciados dados pela autora:

(51) La discussió de les dades.

Em (51) a nominalização *discussió* pode ser ambígua entre uma interpretação de processo ou de resultado de um processo.

Esta ambiguidade pode ser resolvida através do uso de testes, como por exemplo, o uso de expressões de medida de tempo, apenas permitidas nos nomes de evento, em Catalão:

(52) La discussió de les dades va durar tot el dia. (evento)

(53) La discussió de les dades es va publicar a la revista. (resultado)

Em (52) o nominal *discussió* pode ocorrer com uma expressão de medida de tempo, por isso estamos perante uma interpretação de evento. Em (53) o mesmo nome apresenta uma interpretação de resultado porque denota o resultado de um processo – os dados vão ser publicados na revista.

Note-se que para Grimshaw apenas os nomes de evento complexos possuem estrutura de evento e logo são obrigatoriamente acompanhados de argumentos. Os nomes com leitura de resultado não seleccionam argumentos. Na perspectiva de Picallo os nomes de evento podem ser ambíguos entre uma interpretação de evento ou de resultado; e na interpretação de resultado, à semelhança do que acontece na interpretação de evento, estes nominais também seleccionam argumentos:

(54) La desaparició d'en Joan. (evento)

(55) La desaparició d'en Joan. (resultado)

Em (54) e (55) Picallo apresenta o exemplo de nominais deverbais inacusativos ambíguos que seleccionam argumentos, quer na leitura de evento quer na leitura de resultado.

Na proposta de Picallo, as nominalizações não são ambíguas quando o agente está realizado como um adjunto. Na presença do Agente, na posição de adjunto, a leitura de resultado é excluída, pois o nominal só pode ter uma interpretação de evento/processo. Veja-se os seguintes enunciados apresentados pela autora, também do Catalão:

(56) La demostració del teorema de Pitàgores per parte d'en Joan.

(57) L'observació de l'estructura neuronal per parte de Ramón y Cajal.

(58) La traducció de la novela de Yourcenar per parte de Frick.

Em (56), (57) e (58) as nominalizações *demonstració*, *observació* e *traducció* apresentam uma interpretação de evento/processo porque o Agente está realizado através da preposição *per*, aparecendo em posição de adjunto.

Pelo contrário, quando os dois argumentos se realizam através do genitivo em *de*, só podemos ter uma interpretação de resultado e nunca uma interpretação de evento/processo, como se verifica nos seguintes enunciados:

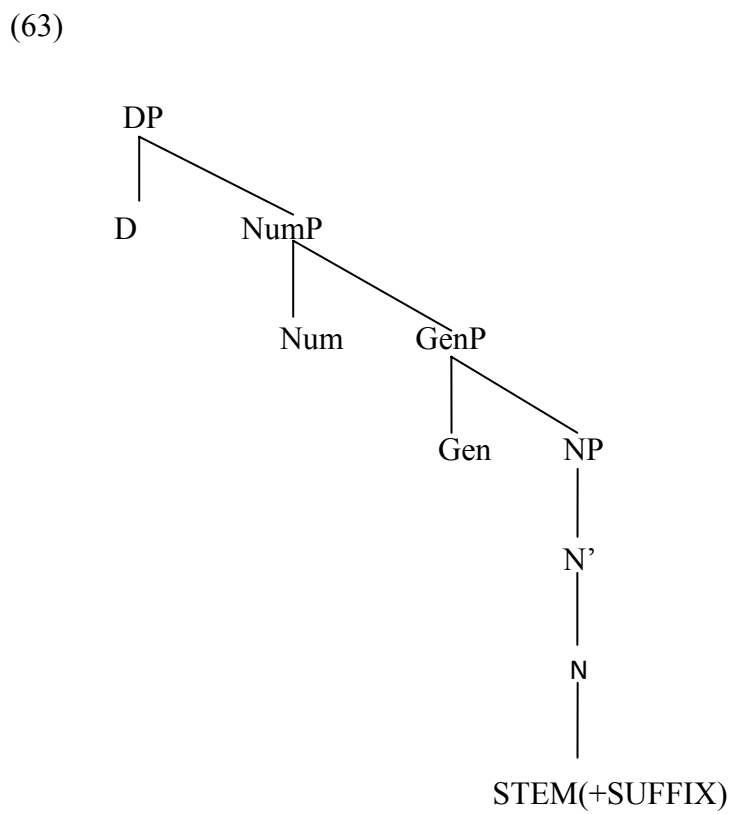
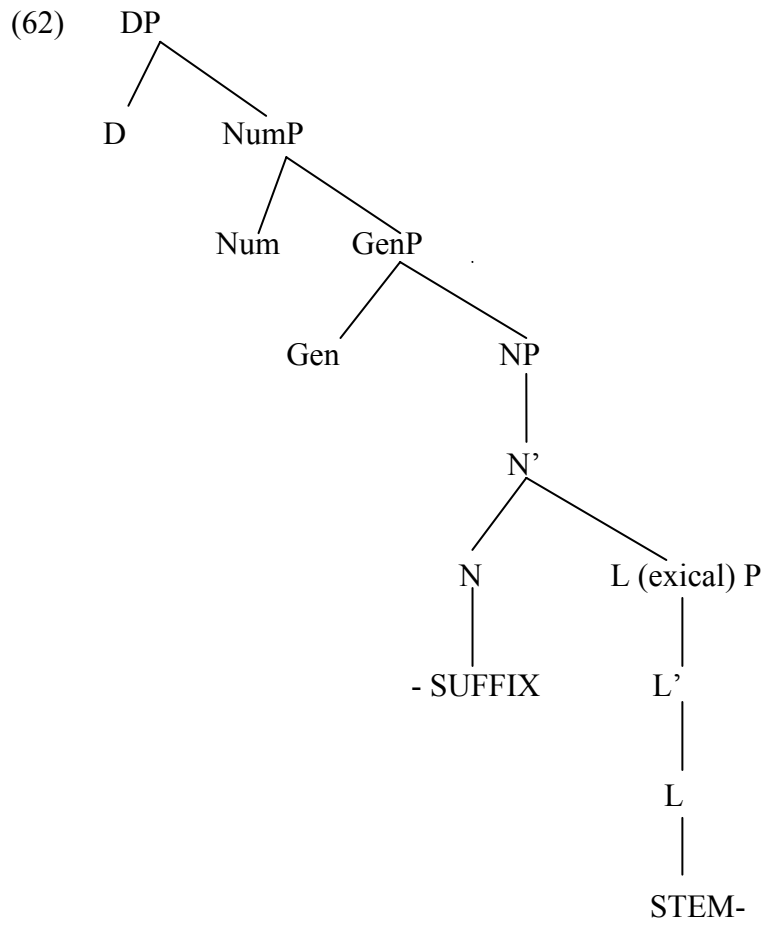
(59) La demostració d'en Joan del teorema de Pitàgores.

(60) L'observació de Ramón y Cajal de l'estructura neuronal.

(61) La traducció de Frick de la novela de Yourcenar.

Nas nominalizações com leitura de resultado, que a autora considera nominalizações lexicais, o afixo de nominalização é derivacional e é inserido na Estrutura-P. À semelhança dos nomes não derivados, este afixo faz parte da entrada lexical e é etiquetado como [+N].

A seguir apresenta-se a representação de nominalizações sintáticas e lexicais proposta por Picallo (1991:298):



Em (62) temos a representação de uma nominalização deverbal com interpretação de evento, que é realizada na sintaxe. E em (63) a representação de uma nominalização deverbal com interpretação de resultado, que é realizada no léxico.

Esta proposta distancia-se muito de Grimshaw (1990), que defende que todas as nominalizações acontecem no léxico e não na sintaxe. É no léxico que surgem as propriedades que distinguem os nomes de evento e os nomes de resultado e que explicam os diferentes comportamentos das construções nominais em que ocorrem. Para Grimshaw, a estrutura argumental de um verbo ou de uma nominalização deverbal é definida no léxico; a cada um correspondem estruturas lexicais, que consistem na representação da informação gramatical de um predicado:

- (64) a) *Observe* V, (x(y))
 b) *-ation* N, (Ev)
 c) *Observation* N, (Ev(x(y)))

1.5.2. Aspecto e estrutura argumental das nominalizações em Português na perspectiva de Brito e Oliveira (1997)

Partindo de Grimshaw (1990), que distingue nominais de evento e nominais de resultado, Brito e Oliveira (1997:63) estudam exclusivamente os nomes derivados de verbos de “accomplishment”. As autoras começam por considerar que os nomes derivados de verbos de “accomplishment” se dividem em dois grupos:

- 1) os que mantêm as propriedades aspectuais dos verbos correspondentes (podendo denotar o processo, uma fase do processo, a culminação do processo ou o estado resultante);
- 2) os que denotam uma entidade concreta que é o resultado de um processo.

Ao contrário de Grimshaw (1990), as autoras defendem que as nominalizações podem

apresentar não duas mas três leituras: a de evento, a de resultado e a de entidade. Nas leituras de evento e de resultado os Ns mantêm, na maior parte dos casos, a estrutura argumental dos verbos de que derivam. Já na leitura de indivíduo ou entidade, os Ns não têm estrutura argumental, tal como acontece com os Ns não derivados. E dão o exemplo do N derivado *encomenda*, que pode ser ambíguo entre estes três tipos de interpretação: processo, resultado e entidade:

- (65) a) A Maria ainda está a fazer a encomenda de livros. (processo)
b) A encomenda de livros enriqueceu a nossa biblioteca. (resultado)
c) Vou mandar esta encomenda. (entidade)

Apresentam ainda outros verbos transitivos que também podem ter essas três leituras: *analisar, construir, demonstrar, descrever, examinar e traduzir*.

As autoras consideram que os testes propostos por Grimshaw, aplicados ao Português, não são suficientemente fortes para fazer uma distinção completa entre nomes de processo e de resultado. No seu estudo, Brito e Oliveira propõem outros testes que permitem fazer a distinção entre estes dois tipos de nomes e refutam alguns apresentados pela autora, através de exemplos do português.

De seguida, apresentam-se alguns desses testes: a adição do marcador de negação “não” ao nominal; o uso de expressões adverbiais de medida de tempo/duração e o recurso à forma progressiva associada a verbos perceptivos; bem como alternativas propostas pelas autoras relativamente aos testes relacionados com o sistema de determinantes, a pluralidade dos nomes, os adjectivos do tipo “total”, “completo” e “parcial”, a ocorrência da preposição “por” e a construção predicativa. Os exemplos apresentados serão os referidos por Brito e Oliveira.

Segundo as autoras, a junção de um marcador de negação “não” ao nominal deverbal permite distinguir uma leitura de processo de uma leitura de resultado. Os nomes de processo admitem a junção deste marcador, o que não acontece com os nomes de resultado e de entidade, como se pode verificar nos seguintes enunciados:

- (66) A não destruição de árvores ajuda a salvar o ambiente. (processo)
- (67) *Estamos perante a não destruição da cidade. (resultado)
- (68) *Tens aqui uma não análise do sangue. (entidade)

Verifica-se que sempre que um nome deverbal pode ser negado (66) a sua interpretação é eventiva. O que permite concluir que os nomes com leitura de processo são susceptíveis de valor de verdade e, por isso, podem ser negados. Os nomes com leitura de resultado (67), (68) não são susceptíveis de valor de verdade, logo não podem ser negados.

À semelhança de outros autores (Grimshaw 1990; Lebeaux 1986 e Picallo 1991), também Brito e Oliveira referem que alguns modificadores aspectuais que envolvem medida de tempo permitem distinguir as leituras de processo e de resultado. O modificador aspectual *em x tempo* só admite uma leitura de processo culminado, como pode ver-se pela agramaticalidade dos enunciados (70) e (71):

- (69) A construção da ponte em dois anos surpreendeu a população. (processo culminado)
- (70) *A construção da ponte em dois anos estragou o ambiente. (resultado)
- (71) *Esta construção em dois anos é interessante. (entidade)

Em (69) o nome *construção* é interpretado simultaneamente como o processo e o resultado de construir. Em (70) *construção* tem uma interpretação de resultado. E em (71) *construção* designa a entidade construída.

Contrariamente ao que dizia Grimshaw, Brito e Oliveira defendem que, à semelhança dos nomes com leitura de processo, também os nomes com leitura de resultado podem controlar orações infinitivas finais, mas o mesmo não acontece com os nomes que têm leitura de entidade, como se pode ver nos seguintes enunciados:

- (72) A construção do campo de jogos para entreter as crianças demorou mais do que se esperava. (processo)
- (73) A construção do campo de jogos para entreter as crianças trouxe

benefícios para a comunidade. (resultado)

- (74) *A construção do campo de jogos para entreter as crianças é de boa qualidade. (entidade)

Os enunciados (72) e (73) apresentam as leituras de processo e de resultado de um processo, por isso podem controlar orações infinitivas finais. O enunciado (74) tem uma interpretação de entidade, logo não pode controlar orações infinitivas finais, daí a sua agramaticalidade.

Relativamente aos testes que incluem o sistema de determinantes, Brito e Oliveira afastam-se parcialmente das restrições apresentadas por Grimshaw sobre a natureza dos determinantes que podem ocorrer com os nomes de evento. Lembramos que, para Grimshaw, os artigos indefinidos e demonstrativos só ocorrem com nomes de resultado e apenas o artigo definido é admitido com nomes de evento:

- (75) Os jornalistas assistiram à destruição de Grozni.
(76) *Os jornalistas assistiram a uma destruição de Grozni.

Nos enunciados (75) e (76) o nome deverbal *destruição* apresenta uma leitura de processo. A agramaticalidade de (76) resulta da combinação do nominal com um artigo indefinido.

Brito e Oliveira explicam que há determinados factores – a construção progressiva, a natureza semântica do verbo, a posição de objecto do nominal e a natureza semântica do complemento desse nominal – que podem induzir uma leitura de processo e nessas circunstâncias os nomes conservam a leitura de processo mesmo com artigos indefinidos e demonstrativos, como se pode ver nos seguintes enunciados:

- (77) Os jornalistas estavam a assistir a uma destruição da ponte, quando a bomba caiu.
(78) Os jornalistas estavam a assistir a uma destruição de pontes, quando a bomba caiu.
(79) Os jornalistas estavam a assistir a uma destruição de várias pontes,

quando a bomba caiu.

- (80) Nós estamos a assistir a uma destruição da água pela poluição.
- (81) Os jornalistas estavam a assistir a essa destruição da cidade quando a bomba caiu.

Nos enunciados (77) a (81) o nome deverbal *destruição* apresenta uma leitura de processo e pode ocorrer com os artigos indefinido e demonstrativo, em construções progressivas onde aparece um verbo perceptivo (*assistir*).

Relativamente à pluralidade dos nomes, Grimshaw defende que só os nomes com leitura de resultado são pluralizáveis. Brito e Oliveira mostram que também os nomes com leitura de processo podem pluralizar quando introduzidos pelo progressivo:

- (82) Os jornalistas estavam a assistir a várias destruições de cidades, quando chegaram as tropas.
- (83) Os jornalistas estavam a assistir a invasões de cidades, quando chegaram as tropas.

Os enunciados (82) e (83) mostram que os nomes com leitura de processo *destruição* e *invasão* podem ocorrer no plural quando introduzidos pela construção progressiva.

No que se refere à construção predicativa, Grimshaw refere que apenas os nomes de resultado podem ocorrer com este tipo de construções; Brito e Oliveira defendem que também os nomes com leitura de processo podem ocorrer nestas construções quando são modificados por determinados adjectivos modificadores:

- (84) Isto é / está a ser / foi / uma destruição devastadora da cidade pelo exército.
- (85) Isto é / está a ser / foi a destruição da cidade pelo exército mais devastadora a que se assistiu ultimamente.
- (86) Isto é a / uma destruição progressiva dos valores humanistas.

Em (84), (85) e (86) o nome deverbal *destruição*, com leitura de processo, modificado pelos adjectivos *devastadora* e *progressiva*, ocorre numa construção predicativa.

Brito e Oliveira referem também que os nominais deverbais com leitura de processo podem ocorrer com adjectivos do tipo *total*, *frequente* e *parcial* (que aparecem em leituras de resultado) em construções progressivas:

- (87) Os jornalistas estão a assistir à invasão total / parcial da cidade pelo exército.
- (88) Nós estamos a assistir à completa destruição do ambiente pela poluição.

Na perspectiva das autoras, a leitura de resultado é dominante quando uma construção estativa do tipo *ser difícil/penoso/agradável* é associada a um verbo de percepção e ainda quando o sintagma nominal está em posição de sujeito e é associado a predicados do tipo *enriquecer*, *trazer benefícios/vantagens*, como se pode verificar nos seguintes enunciados:

- (89) a) É difícil reparar em/notar a destruição da cidade.
b) Foi penoso verificar a ocupação da cidade.
- (90) a) A encomenda de livros pelo bibliotecário trouxe benefícios para a escola.
b) A análise do texto pelo aluno enriqueceu o conhecimento dos colegas.
c) O exame do doente pelo médico teve consequências para a sua vida.

Em (90) o Agente surge sob a forma de um sintagma preposicional através da preposição *por*, como acontece nos nomes com leitura de processo. Repare-se que isto não é possível segundo a perspectiva de Grimshaw, que defende que apenas os nomes com leitura de evento podem ocorrer em enunciados onde o Agente é expresso pela referida preposição.

Brito e Oliveira salientam ainda, que à semelhança dos nomes com leitura de processo, também os nomes com leitura de resultado não podem ocorrer com dois sintagmas genitivos:

- (91) *A encomenda de livros do bibliotecário trouxe benefícios para a escola.
- (92) * A análise do texto do aluno enriqueceu os colegas.
- (93) *O exame do doente do médico teve consequências para a sua vida.

Segundo as autoras, a leitura de entidade é a única que legitima dois sintagmas genitivos em *de*, tal como acontece com os nomes não derivados, e não permite a existência de um sintagma introduzido pela preposição *por*:

- (94) Estamos a assistir à apresentação do trabalho pelo professor / *do professor. (processo)
- (95) Estamos a assistir à demonstração do teorema pelo matemático / * do matemático. (processo)
- (96) Tens aqui a demonstração do teorema do matemático / * pelo matemático. (entidade)
- (97) Tens aqui o exame do médico ao doente / * pelo médico. (entidade)
- (98) Tens aqui a análise do texto do aluno / * pelo aluno. (entidade)

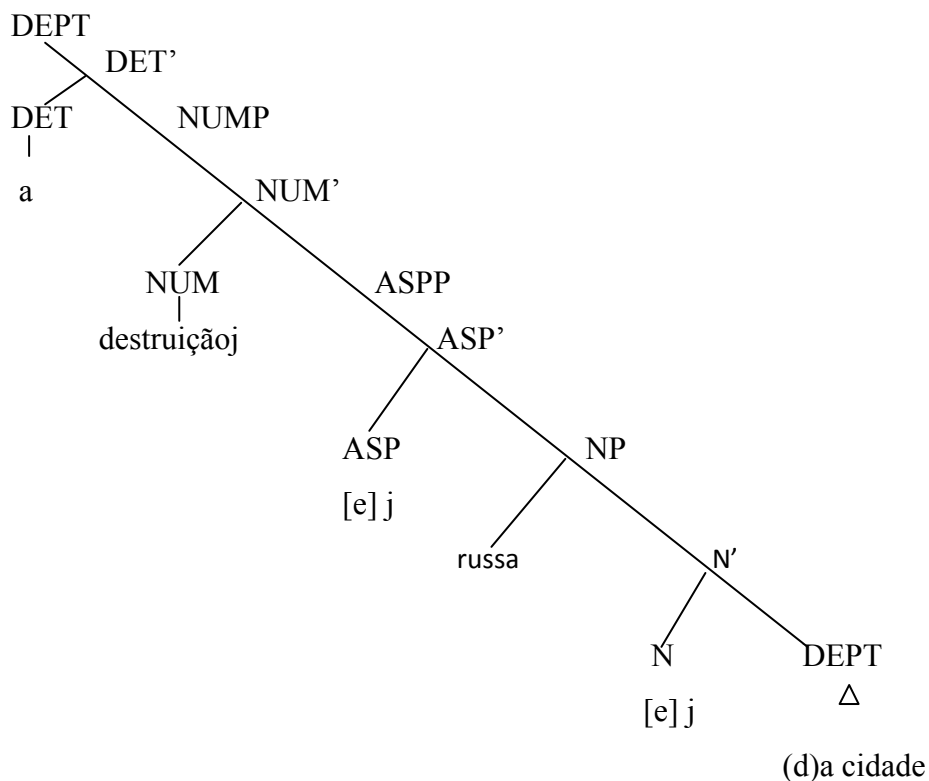
Nos enunciados (94) e (95) verifica-se que os nomes com leitura de processo não podem ocorrer com dois sintagmas genitivos. De (96) a (98) verificamos que os nomes com leitura de entidade só podem ocorrer com dois genitivos e nunca com a preposição *por*.

Vemos assim que em português os vários testes de Grimshaw não são completamente fiáveis, pois é possível produzir enunciados em que os elementos considerados incompatíveis ocorrem sem provocar agramaticalidade; por outro lado, Brito e Oliveira mostram que, para além das leituras de processo e de resultado, existem alguns nominais com leitura de indivíduo ou de entidade. E que os nominais de processo e de resultado possuem estrutura argumental, o que não acontece com os nomes de entidade, que só podem ser acompanhados de modificadores.

Na parte final do trabalho as autoras apresentam a estrutura sintáctica das nominalizações nas suas diferentes leituras, sugerindo que só as nominalizações de processo e de resultado têm, na estrutura final, a categoria *Aspecto*, enquanto as nominalizações de entidade não contêm tal categoria. No exemplo (99) temos a

representação do nominal *destruição* com a interpretação de processo e de resultado, apresentada pelas autoras, onde podemos verificar que a categoria ASPP está presente em ambas as leituras.

(99) A destruição russa da cidade



Para Brito e Oliveira, a categoria ASP está presente quer na representação sintáctica de nomes com leitura de processo quer na representação de nomes com leitura de resultado.

1.5.3. A sintaxe das nominalizações deverbais na perspectiva de Alexiadou (2001)

Alexiadou (2001) toma como base os fundamentos do modelo da Morfologia Distribuída, em que o léxico reduzido contém apenas raízes atômicas e feixes de traços

gramaticais, e defende que uma nominalização é um processo sintáctico e não lexical, como propõe Grimshaw. Deste modo, a relação existente entre evento e estrutura argumental é reconsiderada.

Note-se que Picallo (1991) defende que as nominalizações deverbais com leitura de processo resultam de um processo sintáctico, enquanto as nominalizações com interpretação de resultado são fruto de um processo lexical e que os dois tipos de nominalizações, processo e resultado, podem tomar argumentos, o que contraria a perspectiva de Grimshaw.

Alexiadou (2001) defende que as nominalizações deverbais com leitura de processo e de resultado são formadas na sintaxe, a partir de uma raiz verbal neutra e ambas podem tomar argumentos. Segundo a autora, o que distingue estes dois tipos de nominalizações é a sua estrutura sintáctica. Nas nominalizações com interpretação de processo a raiz lexical é dominada por categorias funcionais de tipo verbal e nominal, vP e AspP, que estão associadas à expressão de eventividade, o que não acontece nas nominalizações com interpretação de resultado.

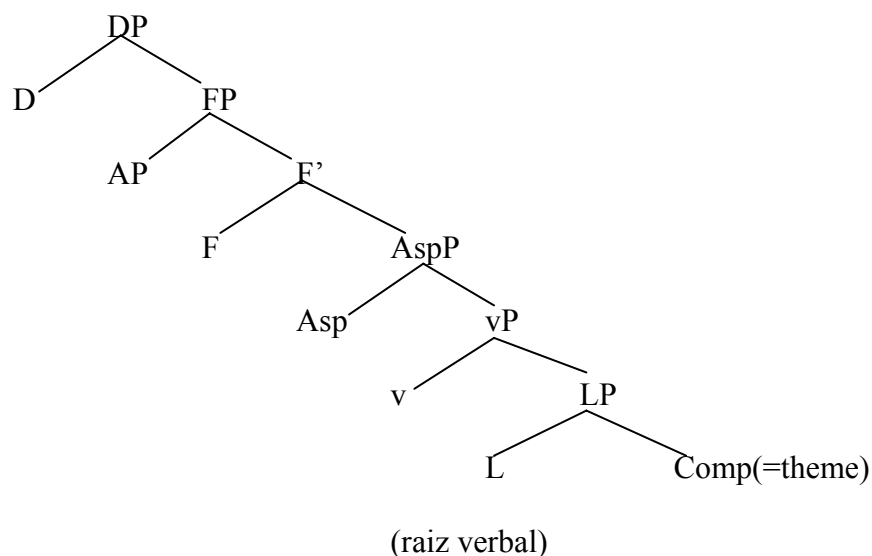
Para Alexiadou (2001), a presença destas duas categorias, “Voice” e “Aspect”, é justificada com evidências do Grego e também pela existência dos seguintes factores:

- Apenas algumas classes de advérbios podem co-ocorrer com nominais de processo.
- Há reflexos morfológicos da presença das categorias “Voice” e “Aspect” em muitas línguas.

A ocorrência de um advérbio com uma nominalização é condicionada por factores de natureza semântica, compatibilidade entre o evento e o advérbio que o modifica, mas também de natureza sintáctica, que determina o tipo de elemento e a sua posição na respectiva estrutura sintáctica.

Alexiadou propõe assim a seguinte representação sintáctica para as nominalizações deverbais com interpretação de processo:

(100) Nomes de processo



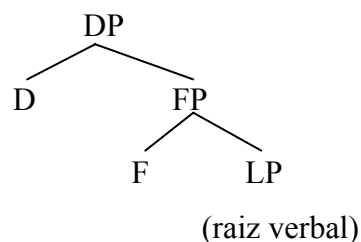
Como podemos verificar em (100), segundo Alexiadou, a raiz lexical das nominalizações deverbais com interpretação de processo é dominada por vP e AspP.

A categoria v, dominada por vP, apresenta algumas propriedades, segundo a perspectiva de Alexiadou. A referida categoria contém um traço de agentividade, que permite licenciar a projecção de um argumento externo com interpretação de Agente; traços de eventividade, que permitem a existência de uma leitura de evento; é, também, responsável pelos traços de caso do objecto; e pode introduzir ou não um argumento externo.

A categoria Asp contém traços relacionados com as propriedades semânticas denotadas pelo verbo: perfectividade ou imperfectividade. Assim, os traços de imperfectividade estão ligados a processos, enquanto os traços de perfectividade estão presentes nos processos culminados.

Relativamente às nominalizações deverbais com interpretação de resultado, Alexidou (2001) propõe a seguinte representação sintáctica:

(101) Nomes de resultado



Como podemos verificar em (101), as nominalizações com interpretação de resultado não apresentam as categorias vP e AspP.

Comparando as duas perspectivas, Grimshaw e Alexiadou, verificamos que a ideia de que as nominalizações de evento possuem uma estrutura de evento, que implica a obrigatoriedade de uma estrutura argumental (Grimshaw) é substituída pelo conceito de raízes lexicais existentes tanto em nomes de processo como de resultado e que permite que ambos tomem argumentos (Alexiadou).

Convém notar que Alexiadou é mais precisa do que Grimshaw na terminologia aspectual, referindo-se sempre a leituras de processo e de resultado, evitando assim a ambiguidade do termo “evento” em Grimshaw.

1.5.4. As nominalizações deverbais na perspectiva de Sleeman e Brito (2007)

Na sequência de Brito e Oliveira (1997) e de Alexiadou (2001), também Sleeman e Brito contestam alguns pontos da perspectiva de Grimshaw relativamente à interpretação dos nomes deverbais e à estrutura argumental. As autoras concordam que os nomes deverbais podem ter três leituras: processo, resultado e entidade. As leituras de processo e resultado podem apresentar diferentes estruturas argumentais. Mas a leitura de objecto ou entidade não tem estrutura argumental.

Para Sleeman, e Brito a análise de Grimshaw não faz uma descrição completa das características dos nomes deverbais, por várias razões. Uma delas é que os nomes de

resultado e de objecto são analisados e classificados da mesma forma. Para Grimshaw, os dois tipos de nominais não têm estrutura argumental e não atribuem papéis temáticos; apenas podem ter participantes de natureza opcional, com os quais estabelecem relações semânticas.

A outra razão prende-se com os vários testes que permitem fazer a distinção entre nominais deverbais com interpretação de processo ou de resultado: testes relacionados com a pluralidade dos nomes, com o sistema de determinantes e com a ocorrência da preposição *por*.

Sleeman e Brito (2007) defendem assim que, por um lado, os nomes de resultado podem ter argumentos e, por outro lado, os nomes de processo podem não exibir os seus argumentos internos.

Relativamente ao teste da pluralidade dos nomes, as autoras mostram, citando enunciados de vários autores, que também os nomes de evento, à semelhança dos nomes de resultado, podem pluralizar:

- (102) Die Besteigungen der beiden Gipfel dauerten 6 wochen. (Alexiadou 2001)
“The climbings of the two tops took 6 weeks”
- (103) Os jornalistas estavam a assistir a várias destruições de pontes, quando chegaram as tropas. (Brito e Oliveira 1997)

Quanto ao sistema de determinantes, as autoras desenvolvem a posição de Brito e Oliveira (1997), defendendo que em determinados contextos uma nominalização deverbal com leitura de evento pode ser precedida pelo artigo indefinido ou demonstrativo.

No que se refere à ocorrência da preposição *por*, Sleeman e Brito, ao contrário de Grimshaw e Alexiadou, defendem que alguns nomes de processo podem ser contáveis e ocorrer com a preposição *de* e não com a preposição *por*. As autoras destacam o caso do nominal deverbal *tradução*:

- (104) A tradução da Odisseia de Francisco Lourenço demorou dois anos.
(evento)
- (105) A tradução da Odisseia de Francisco Lourenço é magnífica. (resultado)

As autoras adoptam em parte a análise de Alexiadou (2001), no quadro da Morfologia Distribuída, considerando que todas as nominalizações são feitas na sintaxe. Assim, aproximam-se de Alexiadou pelo facto de as nominalizações serem vistas como um processo sintáctico, mas afastam-se da dicotomia estabelecida entre nominais de processo e de resultado. Para as autoras, que desenvolvem a proposta de Brito e Oliveira, existem três fases nas nominalizações:

1) Na primeira fase – que as autoras chamam “the most verbal reading of the nominalization” - a raiz lexical contém dois argumentos: um obrigatório com a preposição *de* (Tema) e outro opcional com a preposição *por* (Agente). Esta raiz é dominada pelas categorias AspP, vP, e NumP e DP.

AspP domina vP e v contém traços eventivos e agentivos (expressos pela co-ocorrência com um sintagma *por*) garantindo a existência de um argumento interno (a que não é atribuído o caso acusativo mas sim genitivo) e assegurando a existência de um argumento externo Agente. A categoria AspP contém os traços de (im)perfectividade ou de resultado. E a categoria NumP pode apresentar traços de singular ou plural.

Sempre que AspP contém o traço de (im)perfectividade estamos perante nomes de evento complexos, como diz Grimshaw (106). Quando AspP apresenta traços de resultado, estamos perante o resultado de um evento (107). Os seguintes enunciados são os apresentados pelas autoras:

- (106) La destruction de la ville par les soldats eut lieu en 1750. (evento)
- (107) A análise do texto pelo aluno enriqueceu o conhecimento dos colegas.
(resultado) (retomado de Brito e Oliveira 1997)

2) A segunda fase é idêntica à primeira. A diferença é que o Agente, excepcionalmente,

é expresso pelo genitivo e é opcional. A raiz lexical é também dominada por vP, AspP, NumP e DP; v é eventivo e não agentivo (o agente é expresso por um genitivo) (108), garante a existência de um argumento interno, que de qualquer modo é opcional (109). AspP contém traços de perfectividade ou de resultado (110):

- (108) A tradução da Odisseia de Francisco Lourenço durou dois anos. (evento)
- (109) A destruição durou uma semana. (evento)
- (110) A discussão dos dados vai ser publicada no jornal. (resultado)

3) Na terceira fase – nomes de objecto ou de entidade - os nominais não apresentam argumentos. A sua raiz lexical é dominada por NumP e DP, não existindo as categorias AspP e vP. Estes nomes comportam-se como nomes não derivados.

- (111) A tradução da Odisseia está em cima da mesa. (nominalização com leitura de entidade)
- (112) O livro do João está na estante. (nome não derivado)

Na sua perspectiva, as autoras mostram que a formação de uma nominalização acontece na sintaxe e não no léxico; e que as leituras de processo e de resultado estão ambas relacionadas com a presença de categorias funcionais: vP e AspP. É a categoria vP que garante a existência de um argumento interno, que é opcional, quando v não tem o traço agentivo.

Contrariando Grimshaw, consideram que a relação estrutura eventiva e estrutura argumental não é tão forte como a autora propõe, uma vez que os nomes de resultado podem apresentar argumentos e alguns nomes de evento podem aparecer sem argumentos. Os nomes com leitura de objecto não apresentam argumentos porque não possuem as categorias vP e Asp.

Em síntese, para Sleeman e Brito os diferentes valores de uma nominalização são marcados pela presença/ausência e mudança de propriedades de vP e AspP na estrutura SDet. Sendo assim, e dado que há várias fases, uma nominalização é fruto de um processo gradual: uma raiz perde propriedades de verbo ganhando propriedades nominais.

CAPÍTULO 2 - ASPECTOS GERAIS DAS NOMINALIZAÇÕES DERIVADAS DE VERBOS DE MOVIMENTO, INACUSATIVOS E INERGATIVOS

Neste capítulo serão apresentadas algumas propriedades das nominalizações derivadas de verbos de movimento, inacusativos e inergativos. As nominalizações de verbos inacusativos de movimento não apresentam argumento externo, à semelhança dos verbos de que derivam, mas têm estrutura argumental e podem ter vários valores aspectuais. Por outro lado, as nominalizações derivadas de verbos inergativos de movimento têm argumento externo.

Tem sido dito que os verbos inacusativos não dão origem a nominalizações em *-or* porque não têm um argumento externo marcado com a relação temática de Agente:

(113) **Partidor, *saidor, *chegador, *vindor, *morredor, *aparecedor, etc.*

Este tipo de nominalizações só pode formar-se a partir de verbos inergativos e transitivos: *trabalhador, voador, pensador, organizador, corredor*.

Serão expostas neste capítulo duas propostas: uma sobre nominalizações derivadas de verbos inacusativos (Brito 2005) e a outra sobre nominalizações derivadas de verbos de movimento (García-Serrano 2002).

Para melhor compreendermos este tipo de nominalizações será feita em primeiro lugar uma breve introdução sobre as características gerais dos verbos inacusativos, em confronto com os verbos inergativos.

2.1. Principais características dos verbos inacusativos e inergativos

Os verbos inacusativos ou ergativos são verbos de um lugar que seleccionam um argumento interno que ocorre com a relação gramatical de sujeito e não recebe caso acusativo:

(114) O rapaz desapareceu.

- (115) As rosas murcharam.
(116) A menina caiu.

Nos enunciados (114) a (116) podemos verificar que os referidos verbos inacusativos seleccionam um argumento (*o rapaz, as rosas, a menina*) que ocorre com a relação gramatical de sujeito e que não recebe caso acusativo. Este argumento exhibe propriedades que o aproximam do objecto directo mas tem propriedades de sujeito final. Alguns testes permitem verificar que tal argumento é interno, gerado na forma estrutural de complemento.

Em Português, esta subclasse de verbos determina dois esquemas relacionais possíveis: SU V e V SU. Os verbos inergativos, ao contrário dos inacusativos, seleccionam um argumento externo com a relação gramatical de sujeito.

De seguida serão apresentados alguns testes que permitem distinguir os verbos inacusativos dos verbos inergativos e transitivos: testes relacionados com as construções de participio absoluto, a posição predicativa e atributiva, a existência de nominalizações em *-or*, a construção passiva e ainda a substituição pela forma nominativa do pronome pessoal (Duarte, 2003:300-301).

Relativamente à construção de participio absoluto (forma reduzida de oração, dependente de uma oração principal que normalmente ocorre à sua direita) o sujeito dos verbos inergativos, à semelhança do argumento externo dos verbos transitivos, não admite este tipo de construção:

- (117) A Maria dança. / * Dançada a Maria
(118) O atleta corre. / * Corrido o atleta
(119) O João comeu o bolo. / Comido o bolo / *Comido o João

Mas o sujeito final dos verbos inacusativos, tal como o argumento interno dos verbos transitivos, admite a construção de participio absoluto:

- (120) O médico chegou. / Chegado o médico

- (121) A criança nasceu. / Nascida a criança
(122) O João leu um livro. / Lido o livro

No que se refere à posição predicativa e atributiva, o particípio passado dos verbos inergativos não pode ocorrer em posição predicativa e atributiva:

- (123) *A criança está dormida.
(124) *O rapaz está tossido.

Pelo contrário, os verbos inacusativos, à semelhança das formas participiais de verbos transitivos podem ocorrer em construções predicativas:

- (125) A criança está desaparecida.
(126) A parede está pintada.

Só os verbos inergativos e transitivos podem ser a base de nominalizações em *-or*:

- (127) Trabalhar → trabalhador
(128) Correr → corredor

Os verbos inacusativos não podem ser entrada de nominalizações em *-or*, como podemos verificar pela agramaticalidade dos seguintes exemplos:

- (129) Entrar → *entrador
Cair → *caidor

Quanto à construção passiva, os verbos inacusativos e inergativos não admitem este tipo de construção, como podemos verificar nos enunciados apresentados:

- (130) *O João foi partido.
(131) *A criança foi dormida.

Só as construções com verbos transitivos admitem a passiva:

(132) A vacina da gripe A foi descoberta.

Por último, o argumento de um verbo inacusativo pode ser substituído pela forma nominativa do pronome pessoal e desencadear a concordância verbal, como acontece com o sujeito de verbos transitivos e inergativos:

(133) Chegados os miúdos. / Eles chegaram. / *Eles chegou.

Vemos assim que os verbos inacusativos marcam tematicamente o seu argumento interno mas não o podem marcar casualmente, o que só pode ser feito pela flexão de frase. Segundo a generalização de Burzio, “um verbo atribui caso acusativo ao seu objecto se e só se atribuir papel temático externo” (Duarte 2003, 517).

2.1.1. Os verbos inacusativos de movimento

Há várias subclasses de verbos inacusativos: mudança de estado, de movimento, de existência e de aparição.

Os verbos de movimento que denotam direcção inerente (caso de *cair*, *chegar/partir*, *descer/subir*, *entrar/sair*, *ir/vir*) comportam-se como inacusativos, embora tenham uma distribuição mais reduzida do que a variante inacusativa dos verbos de alternância causativa. Uma vez que não denotam mudança de estado, grande parte destes verbos não admite o adjunto *por si só*, e a maioria não admite a posição predicativa (Duarte 2003: 520). Duarte apresenta os seguintes exemplos:

(134) a) Caído o cortinado, ...

b) Chegado o João, ...

c) Entrados os atletas, ...

(135) a) *O João / a laranja caiu por si só.

b) *O João / o Inverno chegou por si só.

(136) a) O cortinado está caído.

b) * O João está chegado.

c) * Os atletas estão idos.

Em (134) podemos ver que os verbos de movimento *cair* e *chegar* se comportam como inacusativos, uma vez que permitem a construção de particípio absoluto. Em (135) vemos que os verbos de movimento *cair* e *chegar* não admitem o adjunto *por si só*, como se pode ver pela agramaticalidade dos enunciados. E em (136) verificamos que os verbos *chegar* e *ir* não podem aparecer em construções predicativas, daí a agramaticalidade dos enunciados.

Muitos dos verbos de movimento que apresentam mudança de posição são verbos de alternância causativa, que apresentam uma variante causativa e uma variante inacusativa, resultante da operação lexical de Redução Inacusativa, como acontece com os verbos *deitar* / *deitar-se*, *levantar* / *levantar-se* e *sentar* / *sentar-se* (Duarte 2003:520):

- (137) a) O João deitou o bebé.
b) O João deitou-se.

Ao contrário do que acontece com a variante inacusativa dos verbos de alternância causativa de mudança de estado, a variante inacusativa destes verbos está restringida a argumentos internos directos animados. Duarte apresenta os seguintes exemplos:

- (138) a) A menina sentou a boneca.
b) *A boneca sentou-se.

No entanto, este requisito de animacidade não determina que as construções definidas pela variante inacusativa destes verbos sejam construções reflexas, pois não admitem a ocorrência das formas de redobro características dos verdadeiros reflexos (Duarte 2003:521):

- (139) a) *O João levantou-se a si próprio.
b) * O bebé deitou-se a si próprio.

Os verbos inacusativos de movimento apresentam um argumento interno (mas não têm argumento externo) que se realiza como SN (sujeito) e podem ter um ou mais

argumentos que se realizam como SPREPs, com valor locativo de origem e de direcção (Brito 2005:50), como se pode ver nos seguintes exemplos:

- (140) O rapaz veio de Lisboa para o Porto.
- (141) O rapaz veio de casa para a Faculdade.

Do ponto de vista temático o argumento interno é geralmente Tema ou Paciente. Como temos estado a ver, estes verbos não seleccionam um Agente mas podem ter, em certos contextos, uma leitura de intenção ou de propósito (Brito 2005:50):

- (142) O rapaz veio intencionalmente de Lisboa para o Porto.
- (143) O rapaz foi propositadamente de casa para a Faculdade.

Do ponto de vista aspectual, os verbos inacusativos de movimento podem exprimir vários valores eventivos: actividades ou processos, “achievements” ou culminações, “accomplishments” ou processos culminados (Brito, 2005).

Assim, por exemplo, o verbo *chegar* pode combinar-se com advérbios localizadores (144) ou de medida de tempo (145), mas não com durativos, daí a agramaticalidade de (146):

- (144) O rapaz chegou às três da tarde / ontem. (culminação)
- (145) O rapaz chegou num minuto. (processo culminado)
- (146) * O rapaz chegou durante um minuto / meia hora. (processo)

Esta distinção entre verbos inacusativos e inergativos permitirá entender melhor as nominalizações deverbais derivadas deste tipo de verbos, que serão estudadas no capítulo três desta dissertação.

No ponto seguinte vamos apresentar a proposta de Brito (2005) relativamente às nominalizações derivadas de verbos inacusativos de movimento.

2.2. Nominalizações deverbais derivadas de verbos inacusativos de movimento:
perspectiva de Brito (2005)

Neste ponto será apresentada a perspectiva de Brito (2005) relativamente às nominalizações deverbais derivadas de verbos inacusativos, a sua natureza aspectual e a expressão dos seus argumentos, bem como os testes utilizados para distinguir as leituras de evento e de resultado. Os exemplos referidos são os apresentados pela autora.

Na perspectiva de Brito (2005), as nominalizações derivadas de verbos inacusativos de movimento são geralmente predicados unários cujo argumento pode realizar-se como um complemento genitivo ou como um possessivo, normalmente com o papel temático de Tema:

(147) A vinda do rapaz / a sua vinda.

Segundo a autora, o argumento destas nominalizações apenas pode ser expresso por um SPREP introduzido pela preposição *de* e nunca pela preposição *por*, daí a agramaticalidade do seguinte enunciado:

(148) *A vinda pelo rapaz.

Para Brito, este tipo de nominalizações também pode realizar os seus argumentos através de SPREPs com valor locativo de origem e de direcção, tal como acontece com os verbos de que derivam:

(149) A vinda (do rapaz) de Lisboa para o Porto.

(150) A ida (do rapaz) de casa para a Faculdade.

Na perspectiva da autora, o argumento interno destas nominalizações geralmente não pode aparecer sob a forma de adjectivo temático ou referencial, daí a agramaticalidade do seguinte exemplo:

(151) *A queda europeia no plano económico.

No entanto, a autora refere a existência de algumas nominalizações que podem ocorrer com adjectivos temáticos, como o caso de *chegada* e *entrada*, cujo argumento interno é expresso por um adjectivo temático:

(152) A chegada soviética à Lua.

(153) A entrada americana no Iraque.

Brito (2005) parte da posição defendida por Brito e Oliveira (1997), segundo a qual as nominalizações deverbais podem assumir várias leituras, e usa diferentes testes para distinguir as respectivas interpretações de cada nominal.

No que se refere à leitura de processo, a autora usa dois tipos de testes que permitem comprovar que o nominal apresenta esta leitura.

O primeiro teste está relacionado com o uso de determinados verbos, preposições e locuções prepositivas. Brito refere que estas nominalizações podem combinar-se com verbos do tipo *ocorrer*, *ter lugar*, *decorrer*, *durar* e ainda com algumas preposições e locuções prepositivas como *durante*, *no meio de*, *no final de*:

(154) A entrada no Iraque ocorreu há dois anos.

(155) Durante a entrada das tropas

Nos enunciados (154) e (155) o argumento Tema é expresso por um SPrep em *de* (genitivo).

A autora refere ainda que o argumento Tema pode também ser expresso por um adjectivo referencial:

(156) A entrada americana no Iraque ocorreu há dois anos.

O segundo teste está relacionado com as construções de controlo. Brito defende que estas nominalizações podem ocorrer neste tipo de construções, sendo o controlador o lugar de evento:

- (157) A entrada dos Americanos no Iraque para dominar o país deu-se em 2003.
- (158) A sua entrada no Iraque para dominar o país deu-se em 2003.
- (159) A entrada americana no Iraque para dominar o país deu-se em 2003.
- (160) A saída dos russos para apaziguar a zona ainda não teve lugar.
- (161) A sua saída para apaziguar a zona ainda não teve lugar.
- (162) A saída russa para apaziguar a zona ainda não teve lugar.

Nos enunciados apresentados podemos verificar que isto acontece com nominalizações derivadas de verbos de movimento, quer o argumento Tema seja expresso por genitivos (157), (160), quer por possessivos (158), (161) ou adjectivos relacionais (159), (162).

Como tem sido notado, Brito lembra que a natureza dos adverbiais de tempo pode alterar o valor aspectual das construções. Os adverbiais localizadores potenciam a leitura de culminação ou resultado, os de medida de tempo determinam a leitura de processo culminado e os durativos desencadeiam a leitura de processo:

- (163) A chegada / a partida deu-se às três horas / *durante um minuto.
(culminação)

Em (163) o adverbial localizador *às três horas* desencadeia a leitura de culminação ou resultado.

Relativamente à interpretação de indivíduo ou entidade, Brito apresenta algumas nominalizações derivadas de verbos inacusativos de movimento que podem ter esta leitura:

- (164) Aqui tens uma ida e volta (= um bilhete).
- (165) Tens aqui um colar só com uma ida.
- (166) Esta é uma abóbada de volta inteira.
- (167) A Maria leva no pescoço umas voltas bem bonitas.
- (168) Esta entrada está muito bem arranjada.
- (169) A entrada era melão com presunto.

- (170) Tens aqui uma entrada para a exposição.
- (171) O dicionário da Academia tem 70 000 entradas.
- (172) Ela teve de dar uma entrada para a casa.
- (173) A saída do estádio é aqui.
- (174) Esta saída de banho é linda!

A proposta de Brito (2005) foi aqui apresentada por constituir um estudo importante no campo das nominalizações derivadas de verbos inacusativos de movimento no Português, às quais voltaremos no terceiro capítulo. O seu estudo revela que estas nominalizações podem ter várias interpretações aspectuais e apresentar uma estrutura argumental constituída por um argumento interno Tema e, em certos casos, por argumentos de origem ou direcção.

2.3. Nominalizações deverbais derivadas de verbos de movimento: perspectiva de García-Serrano (2002)

García-Serrano (2002) considera que a proposta de Picallo (1991) apresenta algumas limitações, pois as nominalizações derivadas de verbos transitivos e intransitivos são analisadas do mesmo modo, não havendo a preocupação de destacar as suas características específicas. Na proposta de Picallo só as nominalizações deverbais derivadas de verbos inacusativos podem designar eventos ou resultados, ao contrário das nominalizações derivadas de verbos intransitivos puros, também chamados inergativos, que apenas possuem a interpretação de resultado.

García-Serrano considera ainda que esta proposta levanta algumas questões sobre o que se entende por nomes de resultado.

A partir da análise de nominalizações derivadas de verbos transitivos e intransitivos, a autora verifica que são as propriedades dos verbos de base de que derivam que determinam a configuração e significado das nominalizações. Na sua opinião uma nominalização forma-se sobre verbos activos e não sobre verbos passivos. O sintagma

introduzido pela preposição *por* pode ver visto como um mero marcador da transitividade do verbo de base de uma nominalização; o que permite entender que o argumento de uma nominalização derivada de verbos inacusativos e inergativos apenas possa ser introduzido pela preposição *de* e nunca pela preposição *por*.

García-Serrano defende ainda que a interpretação de evento de um nominal deverbal é determinada pela semântica da base. A autora apresenta o exemplo do verbo *llegar* que possui natureza de evento, logo a nominalização que lhe corresponde *llegada* também apresenta uma natureza eventiva, como ilustra o seguinte exemplo acompanhado da respectiva representação léxico-conceitual (ELC) (a autora segue a representação da ELC apresentada por Morimoto (1998):

(175) La llegada de Juan a la estación.

(176) a) [Evento IR ([Objecto]), [Trayectoria {A} ([Objecto/Lugar])]]
b) Evento IR ([Juan]), [Trayectoria {A} ([La estación])]]

Na perspectiva da autora, o esquema em (175) apresenta um evento de deslocação espacial representado pela função IR, a qual toma dois argumentos: o primeiro pertence à categoria objecto e está associado ao sujeito (*Juan*); o segundo é representado por um argumento conceptual complexo e está associado ao complemento direccional (*la estación*).

Ao contrário de Picallo (1991), García-Serrano defende que as nominalizações derivadas de verbos inacusativos apenas têm a interpretação de evento, não possuindo a interpretação de resultado. A autora sugere ainda que estas nominalizações podem apresentar um significado locativo:

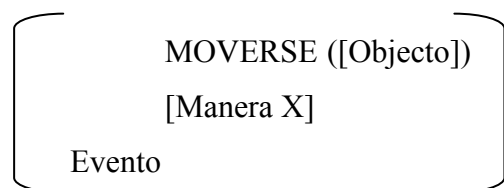
(177) a) Las llegadas / salidas internacionales están en la terminal 2.
b) La subida / bajada es demasiado empinada.
c) Fíjate bien, la entrada es por la otra puerta!
d) En el momento de llegar al cruce / paso, cambio el semáforo.

Segundo esta perspectiva, as nominalizações deverbais apresentadas (*llegadas, salidas, subida, bajada, entrada, cruce, paso*) desenvolvem metonimicamente a leitura correspondente à outra categoria conceptual relevante no significado lexical do verbo, que aparece marcada na estrutura (ELC) como lugar, ou seja, um argumento objecto / lugar da função da trajectória A. É o significado lexical do verbo de base que determina a leitura semântica de uma nominalização.

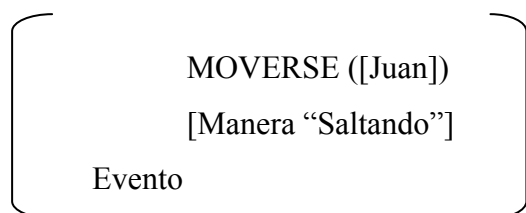
Relativamente aos verbos inergativos como *saltar*, García-Serrano defende que os mesmos denotam um evento que não tem duração nem fim, logo não existe um resultado derivado do evento. As nominalizações derivadas deste tipo de verbos possuem apenas uma leitura eventiva determinada pelo significado lexical do verbo de base, sendo excluída a leitura de resultado.

(178) El salto de Juan desde el trampolín provoco más de una risa.

(179) a)



(b)



Em (179a) temos a representação básica (ELC) dos verbos de movimento. E em (179b) a representação do verbo *saltar* e respectiva nominalização. No esquema o evento é representado com a função de MOVESE que codifica, por sua vez, uma especificação

semântica na maneira de produzir o movimento (“saltando”) do único argumento conceptual que selecciona a dita função.

A autora considera ainda que quando certas nominalizações deverbais passam a denotar o resultado, isso se deve a uma desvinculação semântica. Do ponto de vista semântico, é desvinculada a relação semântica existente entre os dois tipos de nomes, uma vez que os nomes de resultado são vistos como extensões metonímicas do nome de acção correspondente: assim, *entrada* pode ser interpretado como local e não como nome de acção ou de evento.

Note-se que esta perspectiva se opõe à perspectiva de Grimshaw (1990), Picallo (1991), Brito e Oliveira (1997), entre outros, que consideram que as nominalizações deverbais em geral podem apresentar as leituras de processo, de resultado e de entidade.

Como vamos ver no capítulo seguinte, as nominalizações derivadas de verbos inergativos e inacusativos de movimento podem ter leituras de processo, de resultado e de entidade, invalidando, portanto, algumas das propostas de García-Serrano (2002).³

³ Para uma análise das nominalizações derivadas de verbos inacusativos e inergativos na perspectiva de Reinhart (2000) ver Miguel (2004:252-264).

CAPÍTULO 3 - AS NOMINALIZAÇÕES DEVERBAIS EM *-DA* NO PORTUGUÊS EUROPEU

Neste capítulo vamos analisar alguns aspectos das nominalizações deverbais em *-da* derivadas de vários tipos de verbos, estudando em particular a estrutura argumental e a natureza aspectual dessas nominalizações. O nosso interesse neste tipo de nominalizações advém da leitura de um artigo de Ivonne Bordelois para o Espanhol, em que a autora relaciona o sufixo em *-da* com a inacusatividade ou ergatividade dos verbos. Como poderemos ver no ponto seguinte, o trabalho de Bordelois é um estudo pioneiro no campo das nominalizações em *-da*, apesar de ter alguns pontos criticáveis. De seguida apresentamos a perspectiva da autora.

3.1. Perspectiva de Ivonne Bordelois (1993)

Partindo de exemplos em Espanhol como *ida*, *llegada*, *partida*, Bordelois (1993) defende que o sufixo *-da* está exclusivamente vinculado aos verbos ergativos ou inacusativos, no sentido de Burzio (1986), admitindo, no entanto, a existência de algumas excepções. Segundo a autora, a derivação é feita directamente a partir do participípio passado, embora com a vogal final *a*, que determina a forma feminina do nome: assim *ida*, *llegada* são derivados dos verbos *ir* e *llegar*. O respectivo nome distingue-se do participípio adjectivo, cuja terminação é variável entre o masculino e o feminino, e do participípio passado dos tempos compostos, sempre com terminação invariável em *-o*:

(180)

Participípio adjectivo	Participípio passado	Nome
<i>Ido</i> (masc.)/ <i>ida</i> (fem.)	<i>ido</i>	<i>ida</i>
<i>llegado</i> (masc.)/ <i>chegada</i> (fem.)	<i>llegado</i>	<i>llegada</i>

A autora dá como exemplo os seguintes enunciados que ilustram a diferença existente entre as três formas, no caso do verbo *llegar* em Espanhol:

- (181) El hombre recién llegado se llamaba Pedro. (particípio adjectivo)
- (182) Pedro ha llegado tarde. (particípio passado)
- (183) Su llegada imprevista nos ha fastidiado. (nominalização)

A autora lembra que, do ponto de vista sintáctico, os verbos inacusativos seleccionam um único argumento obrigatório, com o papel de Tema, e estão desprovidos de um argumento externo na sua estrutura profunda. E acrescenta que à semelhança do que acontece com os verbos de que derivam, as nominalizações em *-da* podem subcategorizar outros argumentos, tais como Meta e Origem, que são interpretados como locativos:

- (184) Su llegada a Cuzco.
- (185) Su salida de la prisión.

Bordelois recorda que, de acordo com uma regra fonológica existente no espanhol, o sufixo *-da* pode variar fonologicamente entre a realização em *-da*, com dental fricativa sonora, e a realização em *-ta*, com oclusiva dental surda, de acordo com o contexto em que se insere. E apresenta como exemplo *vuelta* de *volver*. O mesmo acontece em português (*volta*, *vista*).

Segundo a autora, o sufixo *-da* é bastante produtivo e pode aparecer em verbos de todas as conjugações, tanto em *-ar* (*llegada* de *llegar*) como em *-er* (*caída* de *caer*) e *-ir* (*partida* de *partir*). O mesmo acontece em português (*entrada* de *entrar*; *corrida* de *correr*; e *saída* de *sair*).

Na perspectiva de Bordelois, o sufixo *-da*, é a expressão de ergatividade, excluindo a existência de um agente, já que este corresponderia ao argumento externo de verbos agentivos, o que não se passa nas construções ergativas. O argumento destas nominalizações só pode ser introduzido pela preposição *de* e nunca pela preposição *por*, daí a agramaticalidade de (186):

(186) * La llegada por Pedro.

(187) La llegada de Pedro.

Este sufixo aparece, assim, vinculado exclusivamente, segundo a autora, aos verbos ergativos. Todavia, Bordelois reconhece a existência de algumas excepções, no caso dos verbos transitivos:

(188)

<i>Mirada de mirar</i>	Juan mira las nubes.
<i>Bebida de beber</i>	Juan bebe la leche.
<i>Comida de comer</i>	Juan come pescado.
<i>Vista de ver</i>	Juan ve la ciudad.

No exemplo (188) estamos perante quatro verbos transitivos que seleccionam um argumento externo, com a relação gramatical de sujeito, e um argumento interno com a relação gramatical de objecto directo e cujo papel temático é Tema.

A autora diz que os enunciados com os verbos *ver* e *mirar* na forma passiva são gramaticais, mas os enunciados com os verbos *comer* e *beber* são vistos como marginais:

(189) Las nubes son miradas por Pedro.

(190) ?La leche es bebida por Juan.

(191) ?El pescado es comido por Juan.

(192) La ciudad es vista por Juan.

É de referir desde já que no Português todos os exemplos dados são gramaticais.

Os exemplos apresentados poderiam contradizer à primeira vista a perspectiva de Bordelois, invalidando a ideia de que o sufixo *-da* se associa a verbos ergativos. Mas, segundo a autora, isso não acontece, porque na verdade os mesmos não admitem um complemento oblíquo agentivo introduzido pela preposição *por* e não apresentam o papel temático de agente, que seria característico dos verbos transitivos de que derivam:

- (193) * La mirada a las nubes por Pedro.
- (194) * La bebida de la leche por Juan.
- (195) * La comida del pescado por Juan.
- (196) * La vista de la ciudad por Juan.

Os exemplos (193) a (196) não admitem o complemento agentivo introduzido pela preposição *por*. Na opinião de Bordelois os verbos *mirar*, *beber*, *comer*, e *ver* expressam uma experiência e não uma actividade intencional. Em relação aos verbos *comer* e *beber*, a pessoa que *come* ou *bebe* recebe no seu corpo uma dada substância.

Posto isto, a autora diz que os enunciados (189) a (192), onde *Pedro* e *Juan* são precedidos pela preposição *por* não são fiáveis do ponto de vista semântico, pois não representam verdadeiramente um argumento com o papel temático de Agente. A preposição *por* apenas introduz um segundo argumento, mas que não é argumento externo nem recebe o papel de Agente.

Então, Bordelois sugere que se designe este papel por Experienciador, já que em todos os casos estamos mais perante experiências vividas do que perante actividades empreendidas voluntariamente e com um objectivo determinado, como é o caso do papel temático de Agente.

Isto quer dizer que, para Bordelois, os exemplos *mirada*, *bebida*, *comida* e *vista*, isto é, nominalizações derivadas de verbos transitivos, constituem uma excepção à ideia de que o sufixo *-da* está ligado à ergatividade, mas confirmam de qualquer modo a sua ideia de que tal sufixo é incompatível com a agentividade.

A autora apresenta ainda uma outra excepção, o exemplo de nominalizações em *-da*, que derivam de verbos meteorológicos, que não têm objecto temático nem argumentos com papel agentivo e que sintacticamente estão desprovidas de argumento externo:

- (197)
- Hielá la *helada*
- Nieva la *nevada*
- Graniza la *granizada*

Estes exemplos provam, mais uma vez, que o sufixo *-da* exclui a agentividade. Mas a autora diz que esta não é a única característica deste sufixo, pois o mesmo também exclui o papel de experienciador, que funciona geralmente como argumento externo, como ilustra o seguinte exemplo:

(198) La vista de la ciudad *de Juan

Todavía, segundo Bordelois, o referido sufixo admite o papel de Meta e Origem como se pode ver no seguinte exemplo:

(199) La mirada de Juan a las estrellas.

No exemplo (190), *a las estrellas* apresenta o papel temático de Meta e *Juan* tem o papel temático de Origem. *Juan* não é agente nem experienciador e também não constitui o argumento externo do nominal *mirada*.

Bordelois admite que há um problema que fica por resolver. É o caso das nominalizações *comida* e *bebida*, que excluem o papel de Experienciador e de Tema:

(200) *La comida de pescado en esta zona puede ser peligrosa.

(201) *La excesiva bebida de Coca Cola puede afectar a la inteligencia.

Note-se que os exemplos apresentados são mais uma vez gramaticais no Português.

Na opinião da autora, o bloqueio do papel temático resulta do facto de o sufixo *-da* incorporar o referido argumento. Isto significa que o referido sufixo designa a actividade de *comer* e de *beber*, bem como as próprias substâncias que são o objecto temático das ditas actividades:

(202) Una noche de comida y bebida excesivas arruinó su salud.

(203) La comida y la bebida fueron excelentes.

Nos exemplos (202) e (203), o argumento temático não está bloqueado mas incorporado no próprio sufixo.

A partir do que foi dito, Bordelois formula a seguinte regra para o sufixo *-da*:

$$(204) \quad \emptyset \text{ SufNom} \rightarrow \text{-Da / Raíz léxica ______] N} \\ \text{[Tema], [Origem] [Meta]]}$$

No presente trabalho, vamos verificar se a perspectiva de Bordelois é correcta ou não.

Assim, no ponto seguinte serão apresentados alguns exemplos das inúmeras nominalizações em *-da* derivadas de vários tipos de verbos. Como vamos ver, há algumas nominalizações em *-da* que podem ser associadas a agentividade, o que prova que o sufixo *-da* no português não está exclusivamente associado a verbos inacusativos e pode aparecer com diversos tipos de verbos, inclusive, verbos agentivos transitivos.

3.2. Nominalizações em *-da* derivadas de diferentes tipos de verbos

Como vamos ver neste ponto, em português, existem inúmeras nominalizações em *-da* derivadas de verbos transitivos, intransitivos (inergativos), meteorológicos, copulativos (exclusivamente *estar*) e inacusativos. Será feita uma breve apresentação dessas nominalizações, para no ponto seguinte as analisarmos com mais detalhe quanto à sua estrutura argumental e quanto aos seus valores aspectuais. A referida apresentação será feita pelo tipo de verbos.

1) De verbos transitivos:

a) Do tipo SU V OD podemos encontrar as seguintes:

(205) *Comida de comer; bebida de beber; olhada de olhar; ferida de ferir;*
calçada de calçar; pincelada de pincelar; velada de velar; chamada de

chamar; queimada de queimar; medida de medir; tomada de tomar, retirada de retirar.

b) Do tipo SU V OBL podemos encontrar as seguintes:

(206) *Morada de morar; investida de investir; pousada de pousar;*

2) De verbos inergativos:

(207) *Corrida de correr; caminhada de caminhar; dormida de dormir;*

3) De verbos meteorológicos:

(208) *Geadada de gear; chuvada de chover; saraivada de saraivar; granizada de granizar; orvalhada de orvalhar.*

4) De verbos copulativos:

(209) *Estada de estar*

5) De verbos inacusativos de movimento:

(210) *Vinda de vir; chegada de chegar; ida de ir; saída de sair; queda de cair; volta de voltar; descida de descer; entrada de entrar; partida de partir; subida de subir.*

A apresentação destas nominalizações, em parte retiradas do *Dicionário Inverso* de Andrade, E. permite desde já perceber que é bastante diversificado o leque de verbos de que estas nominalizações derivam. Vamos então analisá-las com mais detalhe no ponto seguinte.

3.3. Caracterização das nominalizações em *-da*: estrutura argumental e leitura aspectual

Neste ponto será feita uma análise das nominalizações deverbais em *-da*, tentando analisar os argumentos subcategorizados por estes nomes e também as diferentes leituras que estes podem apresentar.

Partimos da perspectiva defendida por Brito e Oliveira (1997), Brito (2005) e Sleeman e Brito (2007) de que as nominalizações deverbais podem ter diferentes interpretações: de processo (em alguns casos pode ser culminado), de resultado (culminação ou estado resultante) e de entidade. Através do uso de alguns testes vamos procurar mostrar e distinguir essas diferentes leituras.

As nominalizações são apresentadas a partir do tipo de verbos de que derivam. Assim, organizámos este ponto do seguinte modo:

- 1) Nominalizações derivadas de verbos transitivos:
 - SU V OD
 - SU V OBL
- 2) Nominalizações derivadas de verbos inergativos
- 3) Nominalizações derivadas de verbos meteorológicos
- 4) Nominalizações derivadas do verbo copulativo *estar*
- 5) Nominalizações derivadas de verbos inacusativos de movimento

3.3.1. Nominalizações deverbais derivadas de verbos transitivos

Começamos pelos nominalizações deverbais derivadas de verbos transitivos, tipo 1 e tipo 2, procurando apresentar a sua estrutura argumental bem como a sua leitura aspectual. Assim, através do uso de alguns testes vamos mostrar as diferentes leituras de cada nominalização.

- 1) Tipo 1: SU V OD

a) *Comida, Bebida*

- (211) a) A comida do João é boa / bem feita.
b) A comida do João estava boa.
c) A comida portuguesa é muito saborosa.
d) A comida salgada faz mal à saúde.
- (212) a) A bebida em excesso faz mal à saúde.
b) A bebida fresca é agradável no verão.
c) Esta bebida está estragada.
d) A sua bebida está estragada.

Nos enunciados (211) podemos verificar que o argumento interno destas nominalizações pode ocorrer sob a forma de genitivo (*de*) ou sob a forma de adjectivo temático (*portuguesa*), com interpretação de possuidor ou mesmo de agente (no sentido de feita por).

Em (211a/b) *do João* pode apresentar a interpretação de Agente (o cozinheiro que prepara a comida) ou de Possuidor (aquele a quem pertence a comida).

Também em (212 a, b) se verifica que a nominalização *bebida* apresenta um argumento interno introduzido por uma preposição (*em*) e por um adjectivo (*fresca*).

Em (212c) podemos ver que a referida nominalização ocorre com um demonstrativo e não selecciona um argumento interno, podendo também ocorrer com o possessivo (*sua*) (212d).

Mas estas nominalizações não admitem a existência de um argumento externo com a interpretação de agente introduzido pela preposição “por”, daí a agramaticalidade dos seguintes enunciados:

- (213) a) * A comida vegetariana pelo João estava boa.
b) * A bebida fresca pela Maria está estragada.

A partir dos exemplos dados podemos dizer que em português estas nominalizações parecem só poder ter uma leitura de entidade. Todavia, os seguintes exemplos retirados do *Dicionário Houaiss* (217), do *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*

Caldas Aulete (216), e ainda do *Grande Dicionário de Língua Portuguesa de António Morais Silva*, (214) e (215), levantam algumas questões em relação ao que foi dito.

- (214) Costumavam os antigos ouvir uma boa leitura durante a comida.
- (215) Depois da comida, o João sentiu-se indisposto.
- (216) Os meninos no colégio não falam durante a comida.
- (217) A comida torna-se difícil quando faltam os dentes.

A nominalização *comida* não tem, nestes enunciados, a interpretação de entidade. Ela refere o evento de *comer*; apresentando a interpretação de processo (214, 215, 217) ou de resultado de um processo (216).

Relativamente à nominalização *bebida*, o enunciado (218), refere o evento de *beber*, apresentando uma interpretação de processo:

- (218) O ferimento na garganta impedia-lhe a bebida.

A partir dos exemplos apresentados, podemos concluir que as nominalizações *comida* e *bebida* têm uma natureza eventiva, mas não agentiva, e podem apresentar as leituras de processo ou de resultado de um processo e, principalmente, a leitura de indivíduo ou entidade.

b) *Calçada, ferida, medida*

- (219) a) A chuva batia forte nas pedras da calçada.
b) O João subiu a calçada.
c) A calçada foi construída para facilitar o acesso à vila.
- (220) a) *A calçada da rua pelos pedreiros demorou dois dias.
b) * A calçada da rua durou dois dias.
- (221) a) Isto é uma ferida profunda.
b) A ferida do João demorou a cicatrizar.

- c) A sua ferida demorou a cicatrizar
 - c) O João ficou zangado, tocaram-lhe na ferida.
- (222) a) * A ferida no braço pelo João ocorreu ontem.
b) * Estamos a assistir à ferida do João.
- (223) a) Isto é uma medida cautelar.
b) Estas são as medidas do armário.
c) Isto exige medidas.
d) A dose recomendada era de duas medidas por dia
- (224) a) * Estamos a assistir à medida do armário pelo marceneiro.
b) * Esta medida cautelar ocorreu ontem.

A partir dos exemplos dados verifica-se que estas nominalizações *calçada*, *ferida* e *medida* podem seleccionar ou não um argumento interno, que pode ser introduzido pelo genitivo em *de* (*do João* (221b); *do armário* (223b)).

No entanto, são desprovidas de argumento externo com o papel temático de Agente, não podendo ocorrer com a preposição *por* (220a), (222a) e (224a).

Só podem ter uma interpretação de entidade, ilustrada nos enunciados (219), (221) e (223) e não uma interpretação de evento, como podemos verificar nos enunciados (220b), (222b) e (224b).

c) *Pincelada*

- (225) a) O pintor *deu* a sua última pincelada no retrato.
b) Com uma pincelada livre, Sickert distanciou-se dos artistas do passado.
c) A pintura só precisava de mais uma pincelada.
- (226) a) O pintor *está a dar* uma pincelada de verde no retrato.
b) Uma pincelada diária de alcatrão sobre a pele da orelha de um coelho produz um cancro, ao fim de nove meses.
c) Esse quadro ficava melhor com uma pincelada azul.

- d) Todos os finalistas do colégio deixam na parede a sua pincelada.
- (227) *O público estava a assistir à pincelada do quadro pelo pintor.

Esta nominalização *pincelada* pode seleccionar ou não um argumento interno, que pode ser introduzido por um genitivo em (*de*) (*de verde*) ou por um adjectivo referencial (*diária*). Todavia não apresenta um argumento externo introduzido pela preposição *por* e com a interpretação de Agente (227). Pode também ocorrer com o verbo leve *dar* (225a), (226a).

Tem uma estrutura de evento e pode ser ambígua entre uma interpretação de processo (225b) e (226a), em (225a) temos um processo culminado desencadeado pela perfectividade do verbo *dar* (*deu*), ou de resultado de um processo (226b), e ainda uma interpretação de entidade (226 c,d), em que *pincelada* significa a *mancha*.

d) *Velada*

- (228) a) Isto é uma velada de armas.
b) Os cavaleiros fizeram uma velada.
- (229) a) A velada durou seis horas.
b) A velada de armas ocorreu no início da Primavera.
c) Depois da velada os cavaleiros partiram em missão.
- (230) a) A velada aos mortos ocorreu no dia de finados.
b) Depois da velada aos mortos, as pessoas andavam mais contentes.
c) A velada aos mortos trouxe muita gente à aldeia.
- (231) a) *Tens aqui uma velada de armas / aos mortos.
b) *A velada de armas foi entregue às pessoas no fim.

A nominalização *velada* é pouco produtiva mas podemos encontrá-la quer com o verbo leve *fazer* quer noutros contextos, assumindo uma interpretação de evento, com leitura de processo, como podemos verificar pelos enunciados (228a), (229), em (228b) temos um processo culminado, e uma leitura de resultado de um processo em (230b,c). A partir da agramaticalidade dos enunciados em (231) verificamos a inexistência de uma interpretação de entidade.

Verifica-se ainda que o argumento interno desta nominalização pode ocorrer com genitivo (*de*) e o seu argumento externo pode ser introduzido pela preposição *por*, assumindo o papel temático de Agente:

- (232) a) A velada aos mortos pelos cavaleiros da Ordem de Malta foi autorizada pela Igreja.
b) A/uma velada aos mortos pelos militares portugueses será realizada no mosteiro dos Jerónimos.
c) A velada de armas pelos militares portugueses foi filmada pela TVI.

e) *Chamada*

- (233) a) Isto é uma chamada de atenção.
b) O Professor fez a chamada no fim da aula.
c) O João fez / recebeu / atendeu uma chamada telefónica.
- (234) a) A chamada durou dez minutos.
b) A chamada ocorreu no início da aula.
c) Depois da chamada, o professor sentou-se e começou a aula.
- (235) a) A chamada local custa 0.50 €.
b) Isto é uma chamada gratuita.
c) O João foi à segunda chamada.

A partir dos enunciados apresentados, podemos verificar que a nominalização *chamada* pode ser usada com o verbo leve *fazer* como em (233b,c). Verifica-se ainda que a referida nominalização tem uma natureza eventiva, podendo apresentar uma interpretação de processo, como se pode ver em (234 a,b), ou a interpretação de resultado, como em (234c), e ainda a interpretação de entidade, ilustrada nos enunciados (235 a,b,c).

Como nominal de evento, a nominalização *chamada* pode seleccionar um argumento interno, que pode ser introduzido pelo genitivo em (*de*) com o papel temático de Tema e um argumento externo introduzido pela preposição *por*, com o papel temático de Agente, como se pode ver no seguinte enunciado:

(236) A situação violenta obrigou à chamada de reforços pela GNR.

f) *Queimada*

(237) Na origem do incêndio pode estar uma queimada.

(238) a) A queimada dos terrenos pelos agricultores / por um agricultor da zona provocou um incêndio.

b) Uma queimada de resíduos industriais provocou fumos espessos que se espalharam pelas povoações.

(239) a) As últimas queimadas ocorreram há três anos.

b) Os investigadores estavam a assistir às queimadas de Inverno.

c) As queimadas duraram duas semanas.

(240) Os trabalhadores começaram a plantar cana-de-açúcar na queimada.

A nominalização *queimada* pode ter um argumento interno introduzido pelo genitivo *de*, com o papel temático de Tema e um argumento externo introduzido pela preposição *por*, com o papel Temático de Agente, como ilustra o exemplo (238a).

Este nominal tem uma natureza eventiva e pode apresentar uma leitura de processo (239) ou de resultado de um processo (238b); em (240) tem a leitura de entidade, em que *queimada* significa o terreno onde se fazem as plantações.

g) *Tomada*

O nome deverbal *tomada* selecciona dois argumentos, como podemos ver nos enunciados (241), um argumento interno com o papel temático de tema (*de posse; de Berlim; do poder; do posto fronteiriço equatoriano; da Cidade de Constantinopla*) e um argumento externo com o papel temático de Agente (*pelo presidente; pelos russos; pelos militares; pelo comando militar peruano; pelos turcos*). Pode ser ambíguo entre uma interpretação de evento, sendo processo ou o resultado de um processo; tem ainda uma interpretação de entidade.

Nos seguintes enunciados (241) temos uma leitura de processo:

- (241) a) A tomada de posse pelo presidente dos Estados Unidos.
b) A tomada de Berlim pelos russos.
c) A tomada do poder pelos militares.
d) A tomada do posto fronteiriço equatoriano pelo comando militar peruano.
e) A tomada da cidade de Constantinopla pelos turcos.

Em (242) verificamos que a interpretação de agente pode ser substituída por um adjectivo temático ou por um pronome possessivo:

- (242) a) A tomada turca de Constantinopla.
b) A sua tomada de Constantinopla.

Usando alguns testes, percebemos que este tipo de nominalizações podem ser de processo quando associadas a adverbiais durativos (245), de processo culminado, quando associadas a adverbiais de medida de tempo (244), quer de resultado ou de culminação, quando associadas a adverbiais de localização temporal (243) e (246):

- (243) A tomada da cidade de Constantinopla pelos Turcos ocorreu em 1453.
(244) A tomada da cidade ocorreu em dois dias.
(245) A tomada da cidade pelo exército sérvio demorou dois dias.
(246) No fim da tomada de Kigali os rebeldes seguiram para Ruhengeri.
(247) A tomada das favelas por traficantes levou alguns residentes a abandonar as suas casas.
(248) A tomada do poder pelos militares gerou a contestação popular.

Em (247) e (248) temos um processo que desencadeia um estado consequente (alguns residentes abandonam as suas casas; a contestação popular). Estamos, assim, perante o resultado de um processo.

A referida nominalização pode ainda ter a interpretação de entidade:

- (249) Isto é uma *tomada* eléctrica.

(250) A tomada está avariada.

Concluimos, assim, que este nominal apresenta uma natureza agentiva e eventiva, assumindo uma interpretação de processo ou de resultado de um processo e ainda uma interpretação de indivíduo ou entidade.

h) *Retirada*

(251) A retirada dos feridos pelos bombeiros foi demorada.

(252) A retirada de Gaza por Israel alegrou a população local.

Esta nominalização (251) e (252) apresenta um argumento interno com o papel temático de Tema (*dos feridos, de Gaza*) e um argumento externo com o papel de Agente (*pelos bombeiros, por Israel*).

O argumento externo pode ser substituído por um adjetivo temático:

(253) A retirada israelita das zonas que passarão para administração palestina deverá estar completa a 13 de Abril .

Através do uso de alguns testes podemos verificar que esta nominalização é de natureza eventiva e pode ter a interpretação de processo ou de resultado de um processo. Mas não pode ter uma interpretação de entidade.

(254) A retirada dos feridos pelos bombeiros demorou duas horas.

(255) A retirada indonésia de Timor foi benéfica para o país.

(256) Os israelitas terão convencido Arafat a aceitar uma retirada gradual do Exército da Cisjordânia.

(257) Os jornalistas estavam a assistir à retirada israelita de Gaza.

(258) Os jornalistas estavam a assistir à retirada dos feridos pelos bombeiros.

(259) A retirada israelita de Gaza alegrou os palestinianos.

(260) * A retirada é de difícil acesso.

Os enunciados (254), (257) e (258) apresentam uma leitura de processo e os enunciados (255) e (259) têm a leitura de resultado de um processo. A partir do enunciado (260) verificamos que esta nominalização não tem uma interpretação de indivíduo ou entidade.

A análise realizada permite verificar que este nominal tem uma natureza agentiva e eventiva, sendo ambíguo entre uma leitura de processo ou de resultado de um processo, não estando disponível a leitura de entidade.

i) *Olhada*

Dentro deste primeiro tipo de nominalizações, verifica-se que a nominalização *olhada* se destaca das anteriores pelo facto de aparecer, preferencialmente, acompanhada pelo verbo leve *dar*. O referido nominal selecciona um argumento interno com o papel temático de Tema e não tem um argumento externo de tipo agentivo, como se pode verificar pela agramaticalidade do enunciado (266):

- (261) O mecânico deu uma olhada ao carro.
- (262) A Irene deu uma olhada ao guarda-roupa e ficou surpreendida.
- (263) Vale a pena dar uma olhada às famosas coudelarias de Alter.
- (264) O investigador deu uma olhada às fotografias do acidente.
- (265) Uma olhada pelas fotografias permitiu perceber que a Maria estava muito feliz.
- (266) * A olhada das fotografias do acidente pelo investigador.

Depois de termos analisado algumas nominalizações em *-da* derivadas de verbos transitivos que seleccionam um objecto directo, verificamos que a grande maioria tem um argumento interno genitivo em *de*, não seleccionando um argumento externo Agente. Destaca-se neste grupo as nominalizações *velada*, *chamada*, *queimada*, *tomada* e *retirada*, que seleccionam um argumento interno e um argumento externo de natureza agentiva, introduzido pela preposição *por*.

De um modo geral, as nominalizações analisadas apresentam diversas leituras aspectuais. No entanto, existem algumas nominalizações *calçada*, *ferida* e *medida*, que só têm interpretação de indivíduo ou entidade.

Destaca-se também o facto de algumas nominalizações poderem ocorrer com os verbos leves *dar* ou *fazer*, é o caso de *pinçada* e *chamada*. E ainda o facto de a nominalização *olhada* ocorrer, preferencialmente, acompanhada do verbo leve *dar*.

Em seguida, vamos analisar as nominalizações derivadas de verbos transitivos em que o argumento interno é um oblíquo.

Tipo 2: SU V OBL

a) *Morada*

- (267) A morada está no rodapé.
- (268) A morada do profeta foi reconstruída.
- (269) A última morada / a morada celeste.
- (270) O acidente ocorreu na morada da vítima.

Os enunciados (267) a (270) mostram que esta nominalização só pode apresentar uma interpretação de indivíduo ou entidade. Note-se que o SPrep introduzido pela preposição *de* em (268) tem uma leitura de possuidor.

A interpretação eventiva não é possível, como podemos verificar pela agramaticalidade dos seguintes enunciados:

- (271) *A morada ocorreu no mês passado.
- (272) *Durante a morada celeste.

b) *Pousada*

- (273) As pousadas de Portugal são pouco conhecidas.
- (274) O João ficou numa pousada.

Em (273) e (274) *pousada* apresenta uma interpretação de entidade. Refere o *edifício* e não o evento de pousar.

No entanto, nos seguintes enunciados verificamos que este nome pode ocorrer com o verbo leve *dar* e ainda com o verbo *pedir* e neste caso, a leitura já não é de entidade, mas sim de evento (processo de pousar):

- (275) Algumas pessoas dão pousada aos peregrinos.
- (276) O cavaleiro pediu pousada quando chegou à cidade.

O seguinte enunciado retirado do dicionário Houaiss (277) confirma a possibilidade da interpretação eventiva desta nominalização, quer de processo quer de resultado, como se pode verificar nos exemplos (278) e (279):

- (277) A nossa pousada em Madrid foi curta.
- (278) a) A nossa pousada em Madrid durou dois dias.
b) Durante a nossa pousada em Madrid, visitámos vários Museus.
c) A nossa pousada em Madrid para conhecer a cidade ocorreu nas férias de Verão.
- (279) A pousada em Madrid aumentou os nossos conhecimentos sobre cultura espanhola.

Nos enunciados (278) *pousada* tem uma leitura de processo e de resultado de um processo em (279).

A partir do enunciado seguinte podemos ver que este nominal não tem um argumento externo, com papel temático de Agente:

- (280) *A pousada em Madrid pelos emigrantes vindos de França demorou dois dias.

c) *Investida*

- (281) A investida dos rebeldes tajiques junto à fronteira foi repelida pelo exército russo.
- (282) A investida das ondas sobre os rochedos assustou os transeuntes.

A partir dos exemplos apresentados podemos verificar que a nominalização *investida* selecciona um argumento interno introduzido pelo genitivo (*de*), com o papel temático de Tema, tendo uma natureza eventiva e podendo apresentar as leituras de processo ou de resultado de um processo.

No seguinte enunciado verificamos que a referida nominalização não selecciona um argumento externo de natureza agentiva:

(283) *A investida pelos rebeldes junto à fronteira foi repelida pelo exército.

O argumento interno desta nominalização pode ocorrer sob a forma de um adjectivo temático e continuar a ter as leituras de processo e resultado de um processo:

(284) A investida Nazi contra a Europa e o mundo aconteceu durante parte do século XX. (processo)

(285) A investida violenta dos terroristas causou vinte mortos (resultado).

A partir do seguinte exemplo verificamos que a interpretação de indivíduo ou entidade é impossível:

(286) *A investida é segura.

Após a análise de algumas nominalizações deverbais em *-da* derivadas de verbos transitivos que seleccionam um oblíquo, verificamos que todas podem seleccionar um argumento interno genitivo em *de*, mas não podem apresentar um argumento externo de natureza agentiva, introduzido pela preposição *por*. De um modo geral, as nominalizações analisadas apresentam diversas leituras aspectuais, à excepção de *morada* que apenas tem uma interpretação de indivíduo ou entidade. Destaca-se ainda o facto de a nominalização *pousada* ser usada com o verbo *dar* e ainda com o verbo *pedir*.

Parece ser significativo o facto de apenas algumas nominalizações derivadas de verbos que seleccionam um objecto directo poderem apresentar um argumento externo de natureza agentiva, introduzido pela preposição *por*. Repare-se que o mesmo não

acontece em nenhuma das nominalizações derivadas de verbos que seleccionam apenas um oblíquo.

Vemos assim que a proposta de Bordelois, de que o sufixo *-da* é expressão de ergatividade, excluindo a existência de um agente, que a autora considera estar apenas ligado à transitividade, não se verifica no Português europeu. Através do estudo realizado, verificámos que há inúmeras nominalizações derivadas de dois tipos de verbos transitivos (os que seleccionam um objecto directo e os que seleccionam um oblíquo). Destaca-se a existência de cinco nominais com natureza agentiva – *velada, chamada, queimada, tomada, retirada* – e eventiva, podendo assumir diferentes tipos de interpretação aspectual.

No ponto seguinte vamos analisar as nominalizações derivadas de verbos inergativos.

3.3.2. Nominalizações derivadas de verbos inergativos

Neste ponto vamos estudar algumas nominalizações derivadas de verbos inergativos, procurando analisar a sua estrutura argumental e respectiva leitura aspectual.

a) *Corrida*

- (287) Depois de uma corrida ligeira de cerca de 20 minutos o trabalho começou a apertar .
- (288) O candidato já está na corrida para a casa branca.
- (289) A corrida presidencial já começou.
- (290) Na corrida pelo título estão Dallas Cowboys (actual campeão), San Francisco (supertime nos anos 80) e Kansas City.
- (291) Uma corrida pela areia exige uma boa preparação física.
- (292) a) A corrida da maratona pela atleta chinesa decorreu com normalidade.
b) A corrida da maratona pela atleta chinesa foi um sucesso.

A partir dos enunciados acima apresentados podemos verificar que a nominalização *corrida* pode ter um argumento interno expresso por um adjectivo referencial (*presidencial*, que significa a corrida para a presidência) ou por um genitivo em *de* (*da maratona*). Este argumento interno designa, geralmente, o tipo de corrida, como se pode verificar em (292). Este nominal também pode seleccionar, em certos casos, um argumento externo de natureza agentiva, introduzido pela preposição *por* (292).

Esta nominalização pode ainda ocorrer com o verbo leve *dar* (exemplo retirado do Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa):

(293) O João deu uma corrida para apanhar o autocarro.

A aplicação de alguns testes permite verificar que esta nominalização tem natureza eventiva e pode ser ambígua entre uma leitura de processo ou de resultado de um processo, como se pode verificar nos seguintes enunciados.

(294) A corrida de bicicletas ocorreu durante o mês de Agosto. (processo)

(295) A corrida durou duas horas. (processo)

(296) A corrida foi ganha em 2h e 40m. (processo culminado)

(297) a) A corrida despertou a atenção da população para a necessidade de ajudar os idosos. (resultado)

b) Esta corrida foi benéfica para as pessoas idosas. (resultado)

O enunciado (297) pode ser enquadrado num contexto de solidariedade: a população teve conhecimento da situação difícil dos idosos e juntou-se numa corrida solidária, para angariar fundos para ajudar estas pessoas.

Relativamente à interpretação de indivíduo ou entidade, verifica-se que este nominal não apresenta essa interpretação:

(298) *Ontem comprei uma corrida.

Podemos concluir que a nominalização *corrida* selecciona um argumento interno que pode ser introduzido por um adjectivo referencial ou pelo genitivo em *de*, podendo, em

certos casos, seleccionar um argumento de natureza agentiva, introduzido pela preposição *por*. O referido nominal tem uma natureza eventiva, podendo apresentar a interpretação de processo ou de resultado de um processo.

b) Caminhada

- (299) Ao fim de uma longa caminhada todos estavam cansados.
- (300) Na caminhada em direcção a Belém, para reivindicar os seus direitos, os trabalhadores saquearam um camião de alimentos.
- (301) A caminhada para uma lógica empresarial e mercantilista da educação pode ser nociva.
- (302) A caminhada dos idosos até ao parque foi bastante agradável.
- (303) A caminhada do João foi excelente.

À semelhança do que acontece com a nominalização *corrida*, também a nominalização *caminhada* pode seleccionar um argumento interno introduzido pelo genitivo em *de*, como se pode verificar nos enunciados (302) e (303); mas não pode seleccionar um argumento externo que seja de natureza agentiva, introduzido pela preposição *por*, como ilustra o seguinte enunciado:

- (304) *A caminhada diária pelos idosos ao parque demora 30 minutos.

A aplicação de alguns testes permite verificar a natureza eventiva deste nominal e distinguir a interpretação de processo ou de resultado de um processo:

- (305)
 - a) O grupo fez uma caminhada em dez minutos.
 - b) Uma caminhada diária durante 10 minutos alivia o stress.
 - c) A caminhada durou dez minutos.
- (306)
 - a) Uma caminhada diária é benéfica para a saúde.
 - b) A sua caminhada sem sentido trouxe consequências irreversíveis.

Nos enunciados (305) temos uma interpretação de processo e em (306) a interpretação de resultado de um processo.

Salienta-se ainda o facto de esta nominalização poder ocorrer com o verbo leve *fazer* (305a).

Tal como acontece com a nominalização *corrida*, também *caminhada* não apresenta uma interpretação de indivíduo ou entidade.

c) *dormida*

A nominalização *dormida* tal como a nominalização anterior não apresenta um argumento agente:

(307) *A dormida no Santuário pelos peregrinos durante o mês de Agosto.

Tem uma natureza eventiva e pode ser ambígua entre uma leitura de processo ou resultado de um processo, tendo ainda a leitura de entidade. Aplicando alguns testes podemos distinguir estas três leituras:

(308) a) A dormida é apenas uma das situações em que os peregrinos são explorados.

b) No fim da dormida as pessoas preenchem um formulário.

c) Durante a dormida há música ambiente.

(309) a) Uma boa dormida ajuda a combater o stress.

b) A dormida diária dos peregrinos no Santuário, durante o mês de Agosto, agradou ao reitor.

(310) a) Uma dormida custa 25 euros.

b) A residencial tem 18 dormidas.

c) Isto é uma dormida de luxo.

Verificamos que no enunciado (308) o nominal *dormida* tem uma leitura de processo, em (309) tem a leitura de resultado de um processo e em (310) a interpretação de indivíduo ou entidade.

O seguinte enunciado retirado do Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa mostra que esta nominalização pode ocorrer com o verbo leve *fazer*:

(311) Hoje fiz uma boa dormida.

Em síntese, as nominalizações derivadas de verbos inergativos têm uma natureza eventiva, podendo apresentar diferentes leituras aspectuais. Não têm um argumento agente introduzido pela preposição *por*. Exceptua-se, porém, o nominal *corrida*, que, quando selecciona um argumento interno introduzido por um genitivo em *de* pode seleccionar um argumento agente introduzido pela preposição *por*.

Ao contrário do que defende Picallo (1991), estas nominalizações têm uma natureza eventiva e podem apresentar uma interpretação de processo ou de resultado de um processo. Note-se que, na perspectiva de Picallo, as nominalizações derivadas de verbos inergativos apenas podem ter uma interpretação de resultado.

De seguida vamos estudar as nominalizações derivadas de verbos meteorológicos.

3.3.3. Nominalizações derivadas de verbos meteorológicos (verbos impessoais)

Neste ponto vamos estudar as nominalizações derivadas de verbos meteorológicos, procurando apresentar as suas diferentes leituras aspectuais.

a) *Chuvada*

(312) Uma forte chuvada caiu durante duas horas. (processo)

(313) Durante a forte chuvada os bombeiros foram chamados. (processo)

(314) A chuvada tropical parou durante a tarde. (processo)

(315) Uma chuvada tropical intensa provocou inundações. (resultado)

(316) Uma forte chuvada caída durante a tarde de ontem provocou diversos lençóis de água. (resultado)

Como podemos verificar pelos enunciados apresentados, a nominalização chuvada não tem estrutura argumental mas apresenta uma natureza eventiva, podendo ser ambígua entre uma leitura de processo ou de resultado de um processo.

b) *Geada e orvalhada*

- (317) A geada prolongou-se durante a noite. (processo)
- (318) A geada queimou mais de duas toneladas de cereja. (resultado)
- (319) Devido à geada, os agricultores tiveram muito prejuízo. (resultado)
- (320) A geada que caiu durante a noite criou uma camada de gelo nas estradas. (resultado)
- (321) A orvalhada brilhante da noite ainda podia ver-se. (resultado)

A partir dos enunciados apresentados, verificamos que estas nominalizações *geada* e *orvalhada* apresentam uma natureza eventiva e podem ser ambíguas entre uma leitura de processo ou de resultado de um processo. Não têm estrutura argumental.

c) *Saraivada e granizada*

- (322) A saraivada prolongou-se durante a noite. (processo)
- (323) Uma forte saraivada caiu durante duas horas. (processo)
- (324) A saraivada de ontem partiu alguns vidros das janelas. (resultado)

- (325) A granizada prolongou-se durante a tarde. (processo)
- (326) Os bombeiros estavam a assistir a uma forte granizada. (processo)
- (327) Uma forte granizada causou estragos na cultura de tomate. (resultado)

As nominalizações *saraivada* e *granizada* são eventivas e podem ser ambíguas entre uma interpretação de processo ou de resultado de um processo. À semelhança das nominalizações anteriores, não têm estrutura argumental.

Vemos assim, que todas as nominalizações derivadas de verbos meteorológicos não apresentam estrutura argumental mas têm uma natureza eventiva, podendo assumir as leituras de processo ou de resultado de um processo, mas não a leitura de entidade.

A existência destas nominalizações em Português europeu parece invalidar a proposta de Grimshaw (1990), que defende que os nomes de evento possuem uma estrutura de evento, que implica a obrigatoriedade de uma estrutura argumental. Talvez a autora as incluísse no tipo de eventos simples, não implicando estrutura argumental. Mas o que é importante é destacar que este tipo de nominalizações permite mostrar que a estrutura de evento é independente da estrutura argumental. De facto, elas são eventivas podendo ter uma leitura de processo ou de resultado de um processo, mas não têm estrutura argumental.

De seguida, vamos estudar uma nominalização derivada de um verbo copulativo.

3.3.4. Nominalizações derivadas de verbos copulativos

De verbos copulativos apenas temos uma nominalização derivada do verbo *estar*. Neste ponto vamos apresentar a sua estrutura argumental e respectiva leitura aspectual.

a) *Estada*

A nominalização *estada* selecciona apenas um argumento interno com o papel temático de Tema e nunca um argumento externo de natureza agentiva, como se pode ver pela agramaticalidade do seguinte enunciado:

(328) *A estada pelo presidente demorou dois dias.

Através da aplicação de alguns testes podemos verificar que esta nominalização pode ser ambígua entre uma interpretação de processo ou de resultado de um processo:

- (329) a) Durante a sua estada no Brasil, o candidato conheceu alguns actores famosos. (processo)
b) O presidente russo aproveitou a sua estada na Jugoslávia para uma viagem relâmpago a Pristina. (processo)
c) Durante a sua estada no estrangeiro, o João ficou alojado em casa de um amigo. (processo)
- (330) A estada do Presidente da República em França alegrou a comunidade Portuguesa. (resultado)

A partir dos seguintes enunciados podemos verificar que a referida nominalização também pode ter uma interpretação de entidade:

- (330) a) A CGTP defende a legalização da estada em Portugal como o primeiro passo para melhor defender os imigrantes.
b) A estada da equipa no Porto foi já paga pela TVI.
c) Os preços são os seguintes: estada 197.00 €; pequeno-almoço 10.60 €; restantes refeições 70.00 €.

O seguinte enunciado foi retirado do Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa:

- (331) A estada do preso.

No enunciado (331) *estada* significa o lugar que uma pessoa ocupa para dormir, onde tem a cama.

Verificamos, assim, que esta nominalização não selecciona um argumento agente mas apresenta uma leitura de processo ou de resultado de um processo e ainda a leitura de entidade.

Vamos agora analisar as nominalizações derivadas de verbos inacusativos de movimento.

3.3.5. Nominalizações derivadas de verbos inacusativos de movimento

Existem várias nominalizações derivadas de verbos inacusativos de movimento.

No presente trabalho apresentam-se vários exemplos dessas nominalizações, às quais são aplicados vários testes para distinguir as diferentes leituras que as mesmas podem apresentar.

Lembramos que algumas destas nominalizações já foram estudadas por Brito (2005), que apresentámos no segundo capítulo, nomeadamente *entrada*, *chegada*, *saída* e *vinda*. No estudo destas nominalizações, apenas damos continuidade à proposta apresentada pela autora.

a) *Entrada*

- (332) O paciente deu entrada no Hospital às 14:30 H. (processo)
- (333) A entrada do paciente no Hospital ocorreu às 14:30 H. (processo)
- (334) Após dar entrada no Hospital, o paciente morreu. (resultado)
- (335) A entrada foi deslocada para um edifício desafectado. (entidade)
- (336) No cardápio havia diversas entradas árabes. (entidade)
- (337) Apesar da farta cabeleira notavam-se grandes entradas. (entidade)

A partir dos enunciados apresentados podemos verificar que a nominalização *entrada* ocorre frequentemente com o verbo leve *dar* (332), (334), assumindo uma leitura de processo e de resultado de um processo.

Este nominal selecciona um argumento interno que pode ser introduzido pela preposição *de* (333) ou ocorrer sob a forma de um adjectivo temático ou de um possessivo:

- (338) A entrada árabe em Portugal deu-se/ocorreu durante a Idade Média. (processo)
- (339) A entrada árabe em Portugal trouxe desenvolvimentos no campo da astronomia. (resultado)
- (340) A sua entrada em Portugal trouxe desenvolvimentos no campo da astronomia. (resultado)

Vemos assim que esta nominalização não selecciona um argumento Agente introduzido pela preposição *por* mas tem uma natureza eventiva, assumindo diferentes interpretações.

b) *Chegada*

- (341) A chegada dos formulários durou uma semana. (processo)
- (342) Após a chegada aos Açores, os portugueses seguiram para o Brasil.
(processo)
- (343) A chegada dos portugueses ao Brasil ocorreu em 1500.
(processo)
- (344) A chegada do exército assustou a população local. (resultado)
- (345) Até à chegada dos missionários jesuítas espanhóis, a região era habitada apenas por indígenas. (resultado)

A nominalização *chegada* tem um argumento interno que pode ser realizado por um genitivo (*dos portugueses, do exército, dos missionários*), por um adjectivo temático ou por um possessivo.

- (346) A chegada socialista ao governo desequilibrou as contas públicas.
- (347) A sua chegada ao governo desequilibrou as contas públicas.

Este nominal também pode ocorrer com o verbo leve *dar*:

- (348) A Maria deu uma chegada ao mercado.

Podemos verificar através da aplicação de alguns testes que esta nominalização tem uma natureza eventiva e pode ser ambígua entre uma interpretação de processo ou de resultado de um processo.

c) *Ida*

- (349) Na ida para a Grécia fizemos várias paragens. (processo)

- (350) A ONU autorizou a ida de uma comissão de avaliação ao Huambo.
(processo)
- (351) A ida do Presidente à Guiné está marcada para a próxima semana.
(processo)
- (352) A ida de Veiga Simão para o Ministério da Defesa foi vista com bons
olhos. (resultado)
- (353) A ida de representantes patronais, do Governo e dos sindicatos às
fábricas contribuiu para o total esclarecimento da razão que assiste aos
trabalhadores e para o fim do conflito . (resultado)
- (354) Uma ida e volta a Timor custa 1500€. (entidade)

A nominalização *ida* selecciona um argumento interno que pode ser realizado por um genitivo ou por um pronome possessivo (*a ida de Veiga Simão / a sua ida*). Não tem um argumento agente mas admite a locução preposicional *por parte de* quando combinada com verbos como *esperar*:

- (355) Espera-se uma ida massiva às urnas por parte dos eleitores que confiam
no BE. (resultado)

Repare-se, no entanto, que *por parte de* não tem um lado agentivo tão acentuado como acontece com *por*.

Vemos assim que este nominal tem uma natureza eventiva, podendo apresentar as leituras de processo ou de resultado de um processo e mesmo de entidade.

d) *Vinda*

- (356) A primeira vinda de João Paulo II a Portugal ocorreu na década de
oitenta. (processo)
- (357) O GASA tem já confirmada a vinda a Portugal de conceituados
investigadores. (processo)
- (358) A vinda de produtores estrangeiros a Portugal devia ser mais fomentada.
- (359) A vinda da energia eléctrica para a aldeia foi festejada durante dois dias.
(resultado)

- (360) A vinda de novas empresas para Portugal criou mais postos de trabalho. (resultado)
- (361) A vinda do Aterro de Resíduos Industriais causou uma onda de protestos da população local. (processo)

A nominalização *vinda* pode ter um argumento interno, que pode ser realizado por um genitivo ou por um possessivo (*a vinda de novas empresas/a sua vinda*). Não tem um argumento Agente mas apresenta uma natureza eventiva, podendo ser ambígua entre uma leitura de processo ou de resultado de um processo.

e) *Saída*

- (362) Isto é uma boa saída para economizar água. (processo)
- (363) A saída dos militares Portugueses do Kosovo foi confirmada pelo governo. (processo)
- (364) A empresa está a preparar a saída de 500 trabalhadores. (processo)
- (365) A saída portuguesa de Angola não foi pacífica. (resultado)
- (366) A grande saída para os habitantes destas aldeias é a imigração. (resultado)
- (367) A sua saída da equipa surpreendeu a todos. (resultado)
- (368) A saída do auto-estrada está pronta. (entidade)
- (369) Comprei uma saída de praia. (entidade)

A nominalização *saída* pode ter um argumento interno introduzido por um genitivo, adjectivo temático ou por um possessivo (*a saída dos militares, a saída portuguesa, a sua saída*), mas não selecciona um argumento de natureza agentiva introduzido pela preposição *por*. O referido nominal tem uma natureza eventiva e pode ser ambíguo entre uma interpretação de processo ou de resultado de um processo e mesmo de entidade, como se pode ver nos enunciados apresentados.

f) *Queda*

- (370) A queda da monarquia no Brasil ocorreu em 1889. (processo)

- (371) A queda comunista na Europa ocorreu no século XX. (processo)
- (372) A queda de granizo durante a noite foi forte. (processo)
- (373) Uma queda de pedras provocou acidentes na estrada. (resultado)
- (374) A queda soviética causou uma mudança radical no equilíbrio do poder global. (resultado)
- (375) A queda de um satélite provocou grande agitação na comunidade científica. (resultado)
- (376) Gosto desta queda d' água. (entidade)

A partir dos enunciados, verificamos que a nominalização *queda* tem um argumento interno, que pode ser introduzido por um genitivo, por adjectivo temático ou por possessivo (*a queda da monarquia, a queda comunista, a sua queda*). No entanto, não selecciona um argumento agente introduzido pela preposição *por*.

Este nominal pode também aparecer com o verbo leve *dar*, como podemos ver no seguinte exemplo:

- (377) O João deu uma queda e partiu uma perna.

Relativamente à sua leitura aspectual, esta nominalização tem uma natureza eventiva, podendo apresentar diferentes leituras, a de processo ou de resultado de um processo e ainda a leitura de entidade. Assim, nos enunciados (370) a (372) o nominal *queda* apresenta uma leitura de processo, sendo de processo culminado em (370) e (371). Nos enunciados (373) a (375) *queda* apresenta uma leitura de resultado de um processo. No enunciado (376) *queda* apresenta a leitura de indivíduo ou entidade.

g) *Volta*

- (378) Uma volta da terra em torno do sol demora um ano. (processo)
- (379) Willy Fog deu a volta ao mundo em oitenta dias. (processo)
- (380) Durante a volta para o Porto o João sofreu um acidente grave. (processo)
- (381) Os meninos aguardavam ansiosamente a volta do pai. (resultado)
- (382) O piloto leva duas voltas de avanço (entidade)

(383) A volta do lenço é de renda. (entidade)

A nominalização *volta* pode ter um argumento interno, introduzido pelo genitivo, mas não tem um argumento de natureza agentiva, introduzido pela preposição *por*.

Esta nominalização tem uma natureza eventiva, podendo assumir as leituras de processo ou de resultado de um processo e ainda a leitura de indivíduo ou entidade.

Assim, nos enunciados (378) a (380) *volta* tem uma leitura de processo. Em (381) tem uma leitura de resultado de um processo. E em (382) e (383) tem uma leitura de indivíduo ou entidade.

Este nominal pode também aparecer com o verbo leve *dar*, como se pode verificar no enunciado (379).

h) *Descida*

(384) A descida ao interior da mina durou dez minutos. (processo)

(385) A descida do nível das águas demorou dois dias. (processo)

(386) A descida brusca da temperatura impediu as pessoas de ir à praia.
(resultado)

(387) A descida das taxas de juro surpreendeu a todos. (resultado)

(388) Depois da curva há uma descida. (entidade)

A nominalização *descida* pode ter um argumento interno introduzido pelo genitivo, mas não tem um argumento de natureza agentiva, introduzido pela preposição *por*. No entanto, tem uma natureza eventiva, podendo apresentar as leituras de processo, de resultado de um processo e de entidade.

Em (384) e (385) *descida* tem uma interpretação de processo. Em (386) e (387) o referido nominal apresenta uma leitura de resultado de um processo. E em (388) *descida* tem uma interpretação de indivíduo ou entidade.

i) *Subida*

(389) A subida ao monte demorou duas horas. (processo)

- (390) A constante subida do mar na praia de Francelos ameaça desmoronar os bares construídos sobre o areal. (processo)
- (391) A subida do preço da gasolina provocou uma grande contestação social. (resultado)
- (392) A subida do caudal do rio provocou inundações. (resultado)
- (393) A subida do clube à II Liga Profissional de Futebol alegrou os adeptos. (resultado)
- (394) A subida é muito íngreme. (entidade)

A nominalização *subida* pode ter um argumento interno introduzido pelo genitivo, mas não tem um argumento Agente. Este nominal tem uma natureza eventiva, podendo assumir as leituras de processo ou de resultado de um processo e ainda a leitura de indivíduo ou entidade.

Em (389) e (390) *subida* apresenta uma interpretação de processo. De (391) a (393) o referido nominal tem uma interpretação de resultado de um processo. E em (394) *subida* tem uma interpretação de indivíduo ou entidade.

j) *Partida*

- (395) A partida do último comboio ocorreu às 18 h. (processo)
- (396) A partida da corte portuguesa para o Brasil ocorreu em Novembro de 1807. (processo)
- (397) A partida do candidato para o Brasil alegrou a todos. (resultado)
- (398) A partida do João deixou toda a gente consternada. (resultado)
- (399) Uma partida de xadrez. (entidade)

A nominalização *partida* tem um argumento interno, introduzido pelo genitivo mas não tem um argumento de natureza agentiva, introduzido pela preposição *por*. Este nominal apresenta uma natureza eventiva, podendo ter a interpretação de processo ou de resultado de um processo e a interpretação de indivíduo ou entidade.

Nos enunciados (395) e (396) *partida* tem uma leitura de processo. Em (397) e (398) o referido nominal tem uma interpretação de resultado de um processo, e em (399) apresenta a leitura de indivíduo ou entidade, pois refere o *jogo*.

A partir do estudo realizado, podemos verificar que as nominalizações derivadas de verbos inacusativos seleccionam um argumento interno com o papel temático de Tema e, como se esperava, nunca um argumento externo de natureza agentiva realizado através da preposição *por*. Destaca-se, no entanto, a nominalização *ida*, que pode aparecer com a locução prepositiva *por parte de*.

Tal como acontece nas nominalizações derivadas de verbos transitivos, também estas nominalizações têm uma natureza eventiva, podendo assumir as interpretações de processo ou de resultado de um processo e mesmo a interpretação de entidade. Note-se que das nominalizações estudadas, apenas *chegada* e *vinda* não apresentam a leitura de indivíduo ou entidade.

3.4. As nominalizações deverbais em *-da*: síntese final

A partir do estudo realizado concluímos que as nominalizações em *-da* podem derivar de diferentes bases verbais: verbos transitivos, inergativos, meteorológicos, o verbo copulativo *estar* e verbos inacusativos.

Retomando o trabalho de Bordelois sobre o sufixo *-da*, verificámos que no Português Europeu a sua proposta apresenta algumas falhas. O referido sufixo não está exclusivamente vinculado aos verbos ergativos ou inacusativos, como afirma a autora.

A existência de nominalizações em *-da* derivadas de verbos transitivos em Espanhol (*comida, bebida, mirada e vista*) e meteorológicos (*helada, nevada, granizada*), que a autora considera serem meras exceções que não invalidariam a sua proposta de que este sufixo é expressão de ergatividade, é a “prova” de que, mesmo em Espanhol, este sufixo tem uma natureza mais abrangente, podendo ligar-se a diferentes bases verbais. Podemos verificar, a partir de algumas nominalizações derivadas de verbos transitivos, que ele não exclui a existência de um agente, introduzido pela preposição *por* (*tomada, velada, queimada, chamada, retirada, corrida*).

No que se refere aos verbos inacusativos, o sufixo *-da* exclui a existência de um agente, mas essa característica não advém do sufixo mas da própria base verbal, que exclui a existência de um argumento agentivo.

Assim, não parece ser correcto afirmar que o sufixo *-da* é um “significante” de ergatividade, como a autora pretende.

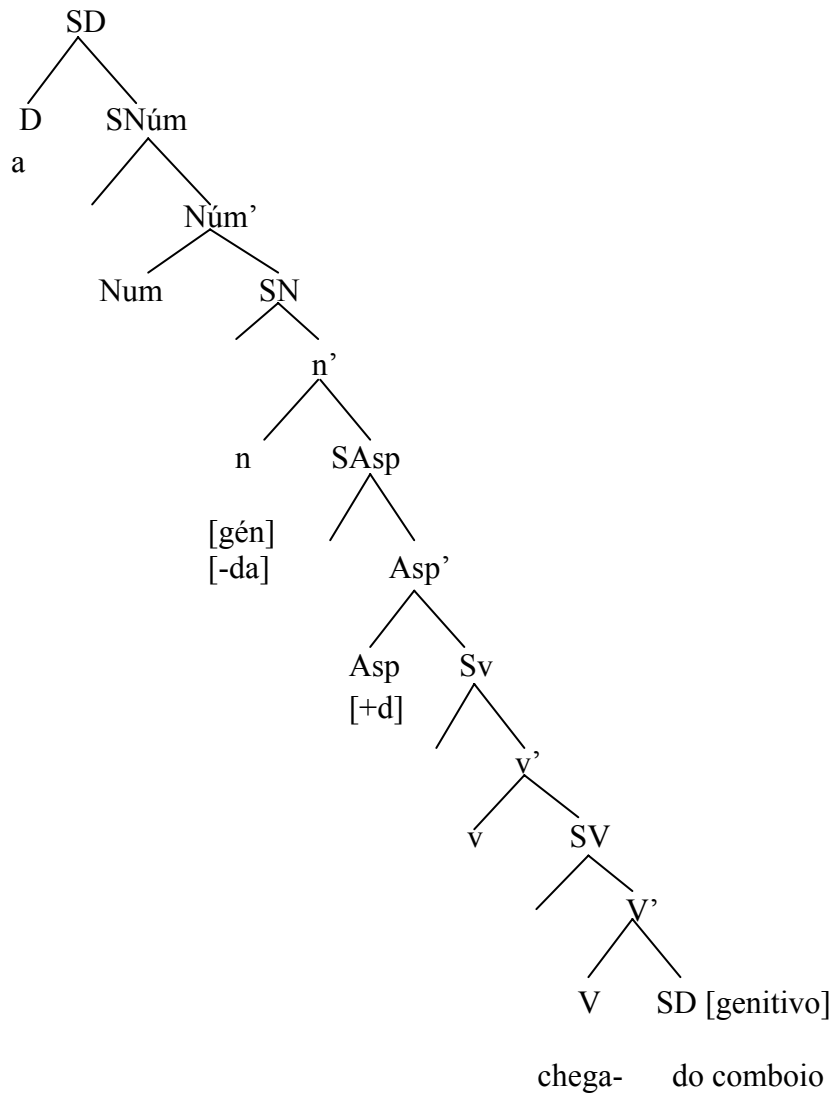
Relativamente ao processo de derivação, lembremos que Bordelois aproxima a nominalização em *-da* do participio passado e do participio adjectivo dos verbos.

Embick (2004), baseado em Kratzer (1994) (citados por Sleeman 2007), distingue três tipos de participios: os participios passivos (*a porta foi fechada pelo João*), os participios resultativos (*a porta ficou fechada*), os participios estativos (*a porta está fechada*); para além destes, há ainda participios no SN, com valor adjectival, quer em posição pré-nominal (como em Inglês *the closed door*), ou em posição pós-nominal (*a porta fechada*). Quer dizer, a noção de participio é complexa e heterogénea, oscilando entre a natureza verbal e adjectival e apresentando diferentes traços aspectuais.

Quanto às nominalizações em *-da*, vimos que são derivadas de distintas bases verbais, tendo portanto um traço “+verbal”, e têm propriedades nominais (+nome). Apresentam diferentes valores aspectuais não só devido à base verbal de que derivam mas também em função do contexto em que ocorrem. Em particular, podem ter valores de processo, de processo culminado e de resultado. Consideraremos, desenvolvendo Resnik (2009), que as nominalizações em *-da* codificam em geral um traço delimitado [+d], embora factores contextuais possam favorecer outras leituras.

Tomemos então uma nominalização em *-da*, como *chegada*. Adoptando a Morfologia Distribuída, e em particular a linha de Alexiadou (2001), Sleeman & Brito (2007) e Resnik (2009), de acordo com as quais as nominalizações deverbais são derivadas na Sintaxe, apresentamos em (400) a estrutura sintáctica de *a chegada do comboio*:

(400) A chegada do comboio



Esta representação apresenta um nó funcional onde se insere o traço [+d] e um nó n, que contém o sufixo *-da*, a que está por sua vez associado o traço de género, em que o feminino parece ter aqui mais um valor de evento do que propriamente de género. Quanto às nominalizações com valores de entidade, como *entrada* (local), *ida* e *vinda* (bilhetes), *volta* (de um colar), consideraremos que não têm quaisquer traços aspectuais ou verbais na sua estrutura sintática. (cf. Picallo 1991, Brito & Oliveira 1997, Alexiadou 2001, Brito 2005).

CONCLUSÕES

Esta dissertação teve como principal objectivo a análise de nominalizações em *-da* em Português Europeu.

A dissertação começou pela abordagem morfológica dos vários processos de formação de palavras, destacando-se o facto de, no Português, a derivação feita através de afixos ser quase exclusivamente um processo de sufixação. Passámos depois à definição de *nominalização*, processo morfológico que converte uma raiz não nominal num nome.

De seguida foram feitas algumas reflexões iniciais sobre as nominalizações deverbais em Português, destacando-se o facto de os argumentos dos nomes deverbais derivados de verbos transitivos poderem realizar-se através de SPreps, adjectivos de relação, “temáticos” ou “referenciais”, que denotam nacionalidade ou grupo, e determinantes possessivos. Não podemos esquecer que esta realização obedece sempre a determinadas condições.

Fizemos depois uma apresentação de estudos sobre nominalizações realizados por diversos autores. Lembrámos que a perspectiva de Grimshaw (1990) influenciou de forma determinante a investigação sobre nominalizações deverbais mas não está isenta de críticas. A autora defende que todas as nominalizações são formadas no léxico e faz a distinção entre nomes de evento simples e complexos. Só os nomes de evento complexos possuem uma estrutura de evento, que legitima a presença obrigatória de uma estrutura argumental própria.

Picallo (1991) afasta-se de Grimshaw ao defender que as nominalizações podem formar-se na sintaxe ou no léxico. Assim, a autora defende que as nominalizações eventivas são sintácticas e as nominalizações de resultado são lexicais. A autora considera que só as nominalizações derivadas de verbos inacusativos podem ter as leituras de processo ou de resultado de um processo. Pelo contrário, as nominalizações derivadas de verbos inergativos apenas podem ter a leitura de resultado. Também esta teoria não está isenta de críticas.

O estudo das nominalizações derivadas de verbos de “accomplishment” em Português, realizado por Brito e Oliveira (1997), foi um contributo importante, pois mostra que, além das leituras de processo e de resultado, também existe uma leitura de entidade. As

autoras fazem notar que os testes de Grimshaw, aplicados ao Português, não são completamente fiáveis, pois é possível produzir enunciados em que os elementos considerados incompatíveis ocorrem sem provocar agramaticalidade. Brito e Oliveira apresentam a estrutura sintáctica das nominalizações nas suas diferentes leituras, sugerindo que só as nominalizações de processo e de resultado têm, na estrutura final, a categoria Aspecto, enquanto as nominalizações de entidade não contêm tal categoria.

Alexiadou (2001) defende que uma nominalização é um processo sintáctico e não lexical, o que implica reconsiderar a relação existente entre evento e estrutura argumental. Assim, as nominalizações deverbais com leitura de processo e de resultado são formadas na sintaxe, a partir de uma raiz verbal neutra e ambas podem tomar argumentos. Estes dois tipos de nominais distinguem-se pela sua estrutura sintáctica. À leitura de evento estão associadas as categorias vP e AspP, o que não acontece na leitura de resultado.

Na perspectiva de Sleeman e Brito (2007) os diferentes valores de uma nominalização são marcados pela presença/ausência e mudança de propriedades de vP e AspP na estrutura SDet. Sendo assim, e dado que há várias fases, uma nominalização é fruto de um processo gradual: uma raiz perde propriedades de verbo ganhando propriedades nominais.

O estudo de Brito (2005) sobre as nominalizações derivadas de verbos inacusativos de movimento no Português revela que estas nominalizações podem ter várias interpretações aspectuais e apresentar uma estrutura argumental constituída por um argumento interno Tema e, em certos casos, por argumentos de origem ou direcção.

No final da segunda parte, referimos o estudo de García-Serrano (2002), que defende que uma nominalização derivada de verbos transitivos se forma sobre verbos activos e não sobre verbos passivos. O sintagma introduzido pela preposição *por* pode ser visto como um mero marcador da transitividade do verbo de base de uma nominalização; o que permite entender que o argumento de uma nominalização derivada de verbos inacusativos e inergativos apenas possa ser introduzido pela preposição *de* e nunca pela preposição *por*. Vimos que para esta autora as nominalizações derivadas de verbos de movimento apenas têm a leitura de evento, o que nos parece não ser totalmente

adequado. As leituras de entidade/local são vistas, pela autora, como uma extensão semântica.

Na terceira parte desta dissertação foi feito o estudo das nominalizações deverbais em *-da* do Português Europeu. Tendo presente o pensamento exposto por Bordelois, relacionámos as nominalizações em *-da* com os participios dos verbos, embora com a vogal final *a*, que determina a forma feminina do nominal deverbal e que parece estar associado em geral a um valor de delimitação. No entanto, discordámos da tese apresentada pela autora de que o sufixo *-da* está exclusivamente vinculado aos verbos ergativos ou inacusativos, excluindo a existência de um argumento agente.

Assim, apresentámos e estudámos muitos exemplos de nominalizações em *-da* derivadas de vários tipos de verbos e pudemos ver que há algumas (poucas) que podem ser mesmo associadas a agentividade, o que prova que o sufixo *-da* no Português não está exclusivamente associado a verbos inacusativos e que pode aparecer com diversos tipos de verbos, inclusive, verbos agentivos transitivos.

A hipótese de partida de que o sufixo *-da* se liga a bases verbais inacusativas não se mostrou, pois, adequada e foi substituída pela proposta de que este sufixo pode ligar-se a diferentes bases verbais, nomeadamente os verbos transitivos, de dois tipos SU OD e SU OBL, os verbos inergativos, os verbos meteorológicos, o verbo copulativo *estar* e os verbos inacusativos.

Relativamente às nominalizações derivadas de verbos transitivos, reparámos que a maioria selecciona um argumento interno, que pode ser introduzido por um genitivo, um adjectivo temático ou um pronome possessivo, com o papel temático de Tema, excluindo o argumento agente. No entanto, as nominalizações *velada*, *chamada*, *queimada*, *tomada*, *retirada*, seleccionam um argumento interno e um argumento externo de natureza agentiva, introduzido pela preposição *por*. Verificámos que os nominais apresentados têm uma natureza eventiva, podendo assumir as leituras de processo ou de resultado de um processo e ainda a leitura de indivíduo ou entidade.

Ao contrário do que defende Picallo, as nominalizações derivadas de verbos inergativos podem apresentar uma interpretação de processo ou de resultado de um processo, e ainda, em alguns casos, a leitura de entidade. Contudo, não têm um argumento agente introduzido pela preposição *por*. Exceptua-se, porém, o nominal *corrida*, que pode

seleccionar um argumento interno introduzido por um genitivo em *de* e um argumento agente em *por*.

As nominalizações derivadas de verbos meteorológicos não apresentam estrutura argumental mas têm uma natureza eventiva, podendo assumir as leituras de processo ou de resultado de um processo, mas não a leitura de entidade. Este tipo de nominalizações é bastante interessante pois, permite, assim, mostrar que a estrutura de evento é independente da estrutura argumental, o que contraria a posição defendida por Grimshaw de que só os nomes que têm uma estrutura de evento legitimam a presença (obrigatória) de uma estrutura argumental própria.

A nominalização *estada* derivada do verbo copulativo *estar* não selecciona um argumento agente mas tem uma natureza eventiva.

Por último, nas nominalizações derivadas de verbos inacusativos pudemos verificar que estas seleccionam um argumento interno com o papel temático de Tema e nunca um argumento externo de natureza agentiva realizado através da preposição *por*. Exceptua-se apenas a nominalização *ida* que pode aparecer com a locução preposicional *por parte de*. À semelhança do que acontece com as nominalizações derivadas de outro tipo de verbos, também estas têm uma natureza eventiva, podendo assumir as leituras de processo ou de resultado de um processo e ainda a leitura de indivíduo ou entidade.

Finalmente, extraímos algumas conclusões da análise efectuada para a Sintaxe. Adoptámos a ideia de que as nominalizações deverbais com leituras de processo, de processo culminado e de resultado são derivadas em Sintaxe. Desenvolvendo Resnik (2009), considerámos que a estrutura sintáctica das nominalizações em *-da* deve conter um nó Asp que domina, em geral, o traço “+delimitado” e um nó n que domina o sufixo *-da*, a que está associado o género (feminino).

Quanto às nominalizações deverbais com leitura de entidade, consideramos que não têm quaisquer traços aspectuais ou verbais na estrutura sintáctica.

A certa altura torna-se difícil precisar as leituras possíveis para cada nominalização. Por isso, reconhecemos que em certos casos possa haver opiniões diferentes das nossas no que diz respeito à leitura aspectual dos nominais apresentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXIADOU, Artemis (2001) – *Functional structure in nominals. Nominalization and ergativity*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.

BENIERS, Elisabeth (1977) – “La derivación de sustantivos a partir de participios”. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*, vol. XXVI, pp. 316-331.

BENIERS, Elisabeth (1998) – “El sufijo *-ada* en formaciones postverbiales y postnominales en el español del México”. In: *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza* (Università di Palermo, 18-24 Settembre, 1995). Tübingen, Max Niemeyer Verlag, pp. 75-80.

BORDELOIS, Ivonne (1993) – “Afijación y estructura temática: *-da* en español”. In: Varela Ortega, Soledad (Org.) (1993), *La formación de palabras*. Madrid, Taurus Universitaria, pp. 162-179.

BRITO, Ana Maria (1996a) – “A ordem das palavras no SN em Português numa perspectiva de sintaxe comparada – um caso particular: os Ns deverbais eventivos”. In: Duarte, Inês & Leiria, Isabel (Org.) (1996), *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa, APL/Edições Colibri, pp. 81-106.

BRITO, Ana Maria (1996b) – “Algumas reflexões sobre a interface léxico-sintaxe. A propósito dos nomes e das nominalizações”. In: *Actas do 1º Congresso Internacional da ABRALIN*, Salvador, Baía, Setembro 1994, pp. 73-83.

BRITO, Ana Maria (2003) – “Categorias sintáticas”. In: Mateus, Maria Helena Mira *et alii* (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Lisboa, Editorial Caminho, pp. 323-432.

BRITO, Ana Maria (2005) – “Nomes derivados de verbos inacusativos: estrutura argumental e valor aspectual”. In *Revista da Faculdade de letras – Línguas e Literaturas Modernas*. II série, vol. XXII, pp. 47-64.

BRITO, Ana Maria & OLIVEIRA, Fátima (1997) – “Nominalization, aspect and argument structure”. In: Matos, Gabriela *et alii* (eds.) (1997), *Interfaces in linguistic theory*. (Selected papers from the International Conference on Interfaces in Linguistics. Porto, November 13-17, 1995). Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri, pp. 57-80.

BRITO, Ana Maria (2008) – “Thematic adjectives with process unaccusative nominals and grammar variation”. In: *Cadernos de Linguística del I. U. I. Ortega y Gasset*, vol. 15, pp.13-32.

CUNHA, Celso e Luís Lindley CINTRA (1984) - *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa. (13ª edição, Lisboa: João Sá da Costa, 1997).

DUARTE, Inês (2003) – “A família das construções inacusativas”. In: Mateus, Maria Helena *et alii* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Lisboa, Editorial Caminho, pp. 507-548.

DUARTE, Inês (2003) – “Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras”. In: Mateus, Maria Helena *et alii* (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Lisboa, Editorial Caminho, pp. 275-321.

DUARTE, Inês & BRITO, Ana Maria (2003) – “Predicação e classes de predicadores verbais”. In: Mateus, Maria Helena *et alii* (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Lisboa, Editorial Caminho, pp. 178-203.

GARCÍA-SERRANO, Mª Ángeles (2002) – “La formación de nombres eventivos sobre verbos de movimiento en español”. In: *Cadernos de Linguística del I. U. Ortega y Gasset*, vol. 9, pp. 27-41.

GRIMSHAW, Jane (1990) – *Argument structure*. Massachusetts, The MIT Press.

LEAL, António & OLIVEIRA, Fátima (2008) – “Subtipos de verbos de movimento e classes aspectuais”. *XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 287-298.

LOPES, Maria Helena Couceiro Couto (1996) – *Sintaxe e aspecto dos nomes deverbais em português*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MATEUS, M.H. et alii (2003) - *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, série linguística, 5ª edição.

MIGUEL, Matilde (2004) – *O sintagma nominal em português europeu*. (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa). Lisboa.

PICALLO, Carme (1991) – “Nominals and Nominalizations in Catalan”. In: *Probus* 3, pp. 279-316.

PICALLO, Carme (1999) – “La estructura del sintagma nominal: las nominalizaciones y otros sustantivos con complementos argumentales”. In: Bosque, Ignacio & Demonte, Violeta (Org.) (1999), *Gramática descriptiva de la lengua española*. Tomo 1 *Sintaxis básica de las clases de palabras*. Madrid, Espasa/Calpe, pp .363-393.

RESNIK, Gabriela (2009) – “Derivación e interacción de rasgos: la delimitación en nombres y verbos derivados en español”, handout distribuído no *V Encuentro de Gramática Generativa*, General Roca, Argentina, 29-31 de Julho de 2009.

RIO-TORTO, Graça Maria (1997) – “Construção e interpretação: o exemplo dos nomes heterocategoriais”. In: Brito, A.M. et alii (orgs) *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto, Campo das Letras, pp. 815-834.

RODRIGUES, Alexandra Soares (2006) – *Formação de substantivos deverbais sufixados em Português*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Coimbra.

SLEEMAN, P & BRITO, Ana Maria (2007): *Nominalization, event, aspect and argument structure: a syntactic approach*. Paper presented at the Workshop on Argument Structure and Syntactic Relations, University of Basque Country, Victoria-Gasteiz, May, 23-24 2007.

SLEEMAN, P. (2007) "Participles at the edges of the modifier system of DP", conferência apresentada no *Seminário de Semântica do Mestrado de Linguística*, FLUP, 3 de Maio de 2007.

VILLALVA, Alina (2003) – “Formação de palavras: afixação”. In: Mateus, Maria Helena *et alii* (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Lisboa, Editorial Caminho, pp. 941-967.

FONTES:

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA E INSTITUTO DE LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA (2001) - *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa, Editorial Verbo, 2 vols.

ANDRADE PARDAL, Ernesto d' (1993) – *Dicionário Inverso do Português*. Lisboa: Cosmos.

CALDAS AULETE (1948) – *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lisboa, António Maria Pereira, 2 vols.

HOUAISS, António; VILLAR, Mauro de Salles & FRANCO, Francisco Manoel de Mello (Dir.) (2002-2003) – *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa, Círculo de Leitores, 6 vols.

SILVA, A. De Moraes (1789) – *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa (10ª edição 12 vols. Lisboa: Editorial Confluência, 1949-59).

www.cetempublico.pt